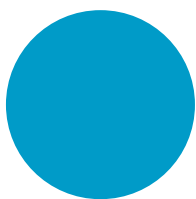


gazeta Valsassina

Junho 2011 - n47



Comunidades de aprendizagem



Índice

Editorial	1
Comunidades de aprendizagem	2
Do adro da igreja ao Facebook	4
Logaritmos, primeiro-ministros e plataforma	6
A amplificação do conhecimento pelas redes	8
Jogo de simulação de uma sessão do Conselho Europeu	10
Colégio Valsassina. Colégio Anchieta	14
Envolver-se, criar, crescer	15
Educar para a língua e cultura materna	16
Poemas à solta	17
Mar de contos	18
The experience of making a speech in English for an audience	20
English-Speaking Union Portugal 2011	20
Creative writing	21
Ciência, saúde e voluntariado – uma parceria do presente para o futuro	22
Mensagem apresentada durante a missa de finalistas	24
Projecto trajectórias residenciais e metropolização	26
Eco-Escolas	27
On the way to a low-carbon schools	28
A utilização de Daphnia Magna como modelo biológico no estudo da influência de certas drogas de uso comum no ritmo cardíaco	30
Criar com a natureza: entre as ciências e as artes	32
Experiências reais. Projecto de design de produto	34
Casa das Histórias Paula Rego. Projecto anual com escolas	36
Entre(ter)	38
A área-projecto do 12º ano	39
História ao vivo	41
Quadro de honra	42
Medalha de Bronze nas XXIX Olimpíadas Portuguesas de Matemática	43
Aluna na final nacional do concurso nacional de leitura	43
Menção honrosa no 19º concurso Jovens cientistas e investigadores	44
Olimpíadas da Biotecnologia	44
Colégio em acção	45
Aconteceu	49
Aconteceu no desporto	51

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Director **João Valsassina Heitor**
Director Editorial **João Gomes**
Projecto Gráfico e Paginação **Sandra Afonso**
Impressão **LouresGráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem **1800 exemplares**

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas 1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

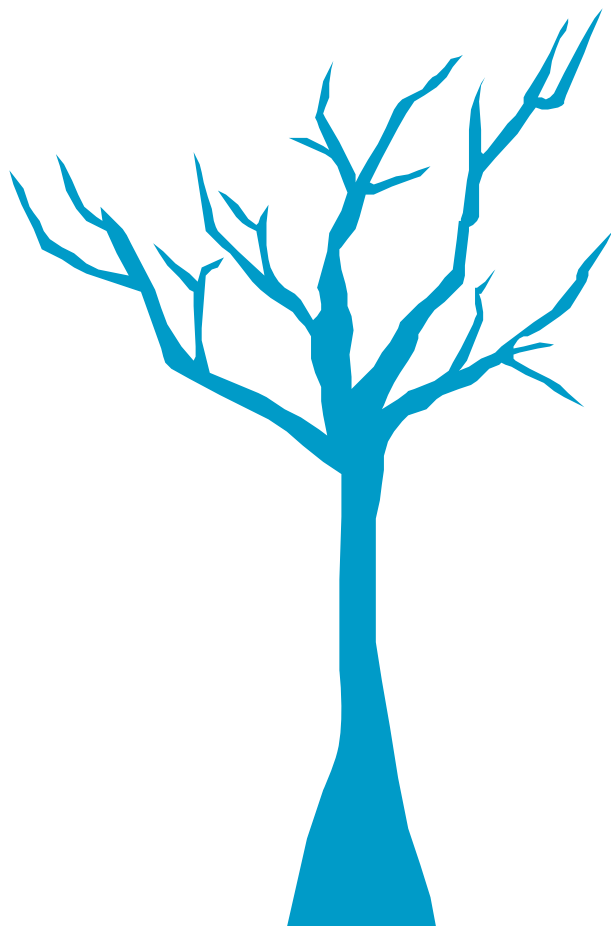
editorial

João Valsassina Heitor Director pedagógico

A já longa história de sucesso do Valsassina não foi trilhada com base no facilitismo, mas sim, e fazendo jus ao seu lema, por caminhos difíceis. Com esforço, trabalho, dedicação e muito entusiasmo pelas várias equipas que se foram sucedendo, directores, professores, funcionários, alunos e pais.

O nosso trabalho tem dado especial atenção:

- A estimular o gosto por aprender e por experimentar;
- A partilhar os novos conhecimentos;
- Ao trabalho e espírito de equipa;
- À formação humana dos alunos.



Nas duas primeiras vertentes tem-se desenvolvido o sentido por “Experimentar”, como forma de inculcar o gosto de aprender mais, partilhando o conhecimento com os outros, nomeadamente estimulando a permuta entre os mais velhos e os mais novos, entre os que mais facilidades têm na aquisição dos novos conhecimentos e os que têm mais dificuldade. Do ponto de vista académico, privilegiou-se um ensino exigente dando especial relevo à Língua Portuguesa, à Matemática, ao Inglês e às Ciências experimentais, sem esquecer o papel das Artes transversal aos vários ciclos. Em detrimento do facilitismo e das notas “fáceis”, optámos por transmitir aos nossos alunos a necessidade de exigência, de esforço e de muito trabalho como caminho para serem recompensados de forma meritória.

A terceira vertente é fundamental em qualquer projecto. O sucesso será tanto maior quanto melhor for o trabalho das equipas. No nosso caso tem especial relevância, quer o trabalho dos grupos disciplinares que desenvolvem hoje uma actividade rotineira de programar, planificar, discutir novas estratégias e trocar experiências em grupo, quer o hábito do trabalho dos alunos em equipas, desenvolvendo a noção de que, em conjunto e num espírito de entajuda e partilha, conseguirão mais facilmente atingir o êxito, passando também pelo trabalho de equipa entre Directores e Coordenadores e funcionários.

Dentro da nossa grande Comunidade Educativa são várias as outras pequenas Comunidades presentes no nosso dia-a-dia e que são fundamentais para o desenvolvimento e aprofundamento do nosso projecto.

É nesse sentido que a nível da Direcção entendemos ser útil a abertura, a construção e a inserção em Comunidades externas ao Colégio. Dois exemplos.

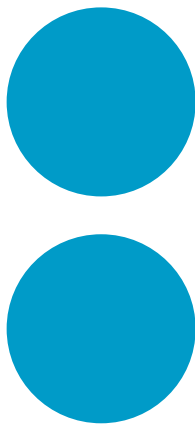
A criação de uma rede entre cinco Colégios Privados, com uma identidade e princípios similares com vista à discussão de assuntos pedagógicos, de formação de professores e de troca de experiências. São eles os Colégios: Valsassina, Moderno, Luso-Britânico, Campo de Flores e Internacional de Vilamoura.

A criação do Conselho Superior do Colégio, constituído por personalidades da Sociedade Civil ligadas à Educação e às empresas, tal como foi divulgado no anterior número da Gazeta, no sentido de darem o seu contributo experiente e a perspectivarem o futuro.

A quarta vertente, a formação humana, sempre fez parte do Colégio. O facto de quase a totalidade dos nossos alunos frequentarem todos os Ciclos de estudos no Colégio assegura uma continuidade pedagógica a nível do processo educativo e formativo. Sintetizo esta questão transcrevendo algumas respostas que alunos finalistas do 12º ano, deram à pergunta.

“O que aprendi no Colégio?”

- “Não só a ser aluno, mas também a ser uma PESSOA”.
- “O valor da Amizade”
- “A Ser alguém”
- “A ser Diferente”



em destaque
“A sociedade contemporânea acarreta o desafio da integração dos contraditórios: O “Saber” altamente especializado das diferentes ciências e a ineficácia desse mesmo saber senão aplicado de forma intra, inter e transdisciplinarmente.”



Comunidades de aprendizagem

Longe vai o tempo em que o livro único permanecia inalterável por longos e longos anos, símbolo da estabilidade do sistema educativo.

Vivemos uma época em que as mudanças científicas, tecnológicas, económicas, políticas e, principalmente, sociais, trazem à Escola uma responsabilidade acrescida na definição do seu papel e formas de actuação.

A aprendizagem é um processo fundamental da vida. Todos os indivíduos aprendem e, através da aprendizagem, desenvolvem comportamentos que lhe possibilitam viver e, em geral, melhorar a sua condição de vida. Todas as actividades e realizações humanas reflectem os resultados da aprendizagem. Ao longo dos séculos, através da aprendizagem, cada geração foi capaz de aproveitar as experiências e conhecimentos das gerações anteriores e, por sua vez, contribuiu também para o crescente património do conhecimento humano. Os costumes, a religião, a linguagem, as leis e as instituições têm se desenvolvido e mantido como um resultado da aprendizagem do homem. A aprendizagem é um processo tão importante para o sucesso e sobrevivência do homem, que foram organizados meios educativos e escolas para tornarem esta aprendizagem mais eficiente. Algumas tarefas a que os seres humanos são chamados a aprender, por exemplo somar, ler, dactilografar, mostrar atitudes sociais, etc., não podem ser aprendidas naturalmente. Sem aprendizagem, o desenvolvimento é bloqueado, mas só a aprendizagem não faz o desenvolvimento. O desenvolvimento é a condição prévia da aprendizagem e, por sua vez, a aprendizagem é a condição para o avanço do desenvolvimento (Becker, 1995 *in* Santos, 2009).

Os estudos sobre o desenvolvimento cognitivo humano relevam a importância dos contextos de aprendizagem em geral, e da importância do grupo e, essencialmente das trocas afectivas das relações interpessoais, como factores determinantes ao sucesso das aprendizagens. Há muito que a célula familiar está identificada como a primeira comunidade de aprendizagem, onde as interdependências emocionais são o contexto das mudanças de desenvolvimento necessárias, para os mais jovens (Piaget) e para os Adultos (Baltes). As comunidades de aprendizagem (CA) para se assumirem como espaços de desenvolvimento pessoal e de transformação social necessitam de reorientar o enfoque da aprendizagem de competências específicas para o desenvolvimento da competência da aprendizagem (Fonseca, 1999 *in* Santos, 2009).

A sociedade contemporânea acarreta o desafio da integração dos contraditórios: O “Saber” altamente especializado das diferentes ciências e a ineficácia desse mesmo saber senão aplicado de forma intra, inter e transdisciplinarmente. O saber enciclopédico não só deixou de ter aplicabilidade – força motriz do próprio desenvolvimento – como se tornou uma impossibilidade. A velocidade da produção do conhecimento ultrapassou em larga medida a capacidade da sua armazenagem. Por força da acção social, e designadamente nos contextos organizacionais, os sujeitos são pouco estimulados à alternância de papéis e ao desenvolvimento das competências necessárias à gestão do conflito intrapapel (Cerclé, 1999).

Neste sentido o maior desafio que se coloca aos profissionais que actuam na área da Educação é o de criarem as condições necessárias para que os contextos educacionais sejam espaços onde os indivíduos consigam desenvolver a autoconfiança necessária para jogarem sempre o papel do aprendiz, mesmo quando “mestres”, porque conscientes da relatividade do “seu” saber. O que importa não é saber, o que importa é Aprender; porque só o Aprender é o verdadeiro motor do Conhecimento. Desta forma, as Comunidades de Aprendizagem são excelentes contextos para o exercício da alternância de papéis formando/formador, favorecendo a única aprendizagem verdadeiramente “alimentadora” da fonte de recursos da sociedade moderna: os indivíduos (Santos, 2009; Torres, 2001).

Deste modo uma comunidade de aprendizagem é uma comunidade humana associada a um projeto educativo e cultural próprio, inserido no e orientado para o desenvolvimento local e humano.

O termo comunidade de aprendizagem tem sido entendido nos últimos anos, com diversas acepções. Não obstante, de uma forma geral, a diversidade de usos da noção de comunidade de aprendizagem é perpassada por três eixos (Torres, 2001):

1) o eixo escolar/extra-escolar,

2) o eixo real/virtual;

3) o eixo relacionado com a grande gama de objetivos e sentidos atribuídos à CA.

Assim, alguns referem-se à escola (formal ou não-formal) ou à sala de aula como CA; outros referem-se a um âmbito geográfico (uma cidade ou um bairro); outros, a uma comunidade virtual mediada pelas modernas tecnologias (redes de pessoas, de escolas, de instituições educativas, etc.). Alguns vinculam a CA a processos de desenvolvimento económico, desenvolvimento de “capital social” ou desenvolvimento humano em sentido amplo; outros enfatizam temas como cidadania e participação social.

Actualmente, o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem é suportado por vários factores, entre os quais merecem destaque (Adaptado de Torres, 2001):

- A tendência à “glocalização” (a globalização e seu impulso contrário, a localização) e, nesse contexto, o ressurgimento/rejuvenescimento do local e do chamado desenvolvimento comunitário;

- A diminuição do papel do Estado, a complexidade da sociedade civil, as alianças entre diversos sectores e actores e a ampliação da participação dos cidadãos em diversas áreas, entre eles a educação;

- A expansão das tecnologias da informação e da comunicação;

- A renovada importância atribuída à educação, à aprendizagem e à aprendizagem ao longo de toda a vida como eixo organizador da emergente “sociedade do conhecimento” ou “sociedade da aprendizagem”;

- A aceitação crescente da diversidade e da consequente necessidade de diversificar a oferta educativa, de inovar e experimentar com modelos diferenciados, sensíveis a cada contexto e momento;

- Alguma insatisfação com o sistema escolar e certas mudanças introduzidas neste ao longo dos últimos anos.

Para Francisco Imberón (2009), professor da Universidade de Barcelona, há quatro pontos de vista a considerar:

- Do ponto de vista social, uma comunidade de aprendizagem é uma proposta orientada à construção de cenários educativos inovadores na escola, mediante a participação dos vários agentes sociais que formam essa comunidade: os alunos, a universidade, a escola, as equipas docentes, as famílias, a comunidade local, etc. Cada um desses agentes traz à CA elementos valiosos, que contribuem para que esta perdure a longo prazo.

- Do ponto de vista académico, as comunidades de aprendizagem buscam essencialmente desenvolver habilidades socioafetivas, cognitivas e psicolinguísticas nos alunos mediante a sua participação activa em comunidades educativas, cujos membros realizam determinadas actividades num ambiente de aprendizagem.

- Do ponto de vista do processo de transformação, as comunidades de aprendizagem são construídas mediante o desenvolvimento de uma série de fases, nas quais participam de forma cooperativa e baseada no diálogo os diferentes agentes socializadores que intervêm no “acto educativo”.

- Do ponto de vista de formação e coordenação, uma comunidade de aprendizagem está aberta à comunidade e deve ser entendida como tal. Pretende alcançar uma melhor e maior aprendizagem dos alunos e evitar que, numa sociedade democrática, muitas crianças e jovens sejam socialmente excluídas.

Em suma, na actual sociedade da informação cada um de nós pode ser simultaneamente produtor e consumidor de um mesmo recurso: O Conhecimento.

O “conhecimento” é um dos principais activos das organizações e a capacidade de o manter e aumentar constitui um desafio. Trabalhar no seio de uma comunidade de aprendizagem permite que professores e alunos sejam ao mesmo tempo “formadores” e “formandos”, agentes escolares e agentes comunitários.

em destaque **Do adro da igreja ao Facebook**

Jorge Magalhães Vieira Antigo aluno, Encarregado de educação, Assessor na Área Internacional da CGD

**“Adorei,
no Verão passado,
ver a minha filha
de 5 anos a subir
a uma árvore
para colher
ameixas.”**

Recebo um e-mail, coloco um *post* rápido no *facebook*, espreito o meu *twitter* e penso que não tenho tempo para ir ao FarmVille!

É aquele dia da semana em que, na TV generalista, passa uma série sobre a vida na sociedade lisboeta da década de 60 do século passado. O século passou, a década é antiga, mas foi nela que nasci! Como o programa está bem realizado, às vezes, encontro no ecrã uma memória escondida da minha infância.

Nasci numa cidade pequena, num país enorme fora de Portugal. O horizonte não tinha fim, e nele perdíamos-nos em brincadeiras no adro da igreja. O peão, os berlines..., os rapazes tinham o seu enorme grupo de 4 ou 5, todos pertencentes à comunidade dos amigos dos pais e, aí, aprendíamos o básico de ser criança. Falo nos rapazes porque não tive irmãs e as primas eram mais velhas e não nos queriam por perto.

A vida foi, para mim, um “agente de viagens” e vim crescer numa cidade grande de um país pequeno. Entre as paredes de casa e os muros do nosso colégio os horizontes eram largos mas os espaços apertados. Gostava da quinta pois trazia-me a lembrança da quinta dos avós, em Braga, e das ruas largas de outrora. A aprendizagem da adolescência fez-se em grupos maiores, com colegas da escola, principalmente, e essa era a comunidade que nos ensinava a ser rapazes e a tentar forçar o catarro das formigas que ainda éramos. Que loucura viver sem telemóvel, sem e-mail, sem facebook, sem tecnologia digital. Tínhamos que consultar uns objectos pesados, chamados enciclopédias para fazer um simples trabalho escolar. Tínhamos que combinar muito bem, mesmo muito bem, o ponto de encontro ou o grupo corria o risco de passar a noite em cinco discotecas diferentes. Quando vínhamos de férias tínhamos que levar as fotos, para todos verem que realmente subimos ao Empire State Building.

Pois é, há dois anos estive em NY, subi ao Empire State, fotografei um ponto da cidade e enviei a foto por e-mail para um amigo que se encontrava perto. Com as coordenadas GPS encontramos-nos lá sem trocar uma palavra falada.

Onde estamos hoje com a nossa tecnologia? Em casa ou na rua? Juntos ou separados?

Quem é a nossa comunidade que nos ensina tudo o que os adultos não querem que se aprenda? O João, filho do amigo do pai, ou um ilustre ZBW32 de um qualquer chat on-line?

A evolução pode e deve ser analisada e questionada. Só não pode ser travada! Quantos problemas já resolvi graças às ferramentas on-line, quanta formação já obtive, o que já aprendi, calma e confortavelmente em qualquer lugar que se queira imaginar. Tanto que já conversei, sozinho, com um grupo imenso de gente.

Isto é de uma potencialidade e utilidade inimaginável mas, que saudades do espaço aberto e da rua larga.....

Felizmente surgem cada vez mais as quintas pedagógicas, os programas interactivos com a natureza, as colónias que recriam o espírito campestre, o turismo rural...



Adorei, no Verão passado, ver a minha filha de 5 anos a subir a uma árvore para colher ameixas. Gostava que os vizinhos dos avós, lá no campo, tivessem meninas da idade dela para que ela interagisse, aprendesse, construísse a sua comunidade de férias no campo. Em suma, que levasse as Barbies a tomar um sumo debaixo da figueira.

É comum ouvirmos dizer que as redes sociais fazem parte do futuro. Então podemos dizer que o futuro chegou!

Estar presente nas redes sociais é ter ao dispor ferramentas que permitem influenciar, aprender, transmitir opinião e divulgar informação, tudo isto de forma massificada. As redes sociais permitem-nos aproximar das pessoas e interagir com elas, construir comunidades virtuais que, expurgadas dos perigos já tão comentados, podem ser veículos muito importantes de informação e compreensão do “eu”, fontes de crescimento interior, até. Com imaginação e limites podem ser usadas ao serviço da educação como as vimos ser usadas ao serviço da liberdade.

Mas penso que não chega. Como diz o slogan final de uma das series de desenhos animados preferida da minha filha, saiam de casa, olhem a natureza, aprendam com os animais. Eu acrescentaria, ressuscitem as comunidades dos espaços largos, dos adros das igrejas, dos horizontes longínquos que só o mundo real nos dá, sem filtros, sem photoshop's, sem beleza artificial.

**“... saiam de casa,
olhem a natureza,
aprendam com os
animais...”**



em destaque **Logaritmos, Primeiros-Ministros e Plataformas. Aproximando a Internet da aprendizagem**

José Rainho Professor de Informática e de iTIC



A utilização do computador faz parte do dia-a-dia, atrevo-me a arriscar, de todos os nossos alunos. Trata-se de uma ferramenta de inegáveis qualidades e vantagens, que proporciona acesso à informação de forma rápida e eficiente e disponibiliza variadíssimas aplicações que a permitem organizar, partilhar e reutilizar facilmente.

Olhemos, então, para o panorama habitual de um aluno quando se senta em frente a um computador para, porventura, pesquisar algo para um trabalho escolar. O mais provável é que a sua sessão de utilização do PC se inicie com uma visita ao Facebook e uma consulta dos seus emails. Talvez uma olhadela rápida pelas páginas Web dos jornais desportivos, se este aluno for fã de futebol. Ou, quem sabe, um salto ao sítio oficial do seu reality-show preferido. Há também que ligar o Live Messenger, para se manter comunicável com todos os amigos que, à mesma hora, também estão sentados em frente ao computador a fazer um trabalho escolar. Eis que passaram alguns (bastantes) minutos, e há mais novidades para ver e músicas para escutar no Youtube. Felizmente existe a *Wikipedia*: após um árduo processo de “copiar e colar”, há que disfarçar as hiperligações características dos artigos desta enciclopédia colaborativa *online*, formatar o documento um pouco melhor e aí está o trabalho pronto a enviar para o professor.

Esta concepção redutora da utilização da Informática no ensino, como uma mera fonte de pesquisa para a realização de trabalhos, leva à propagação da cópia como algo aceitável, do plágio como um pecado facilmente perdoável. O conceito de autor como que se dilui na Internet – a maioria dos nossos alunos nem tão-pouco pestaneja quando se apropria de um conteúdo que não foi por si produzido e sobre o qual não tem direitos autorais e o assina como se fosse o seu criador.

Estamos, então, perante um duplo desafio. Em primeiro lugar, como tornar a utilização da Informática no ensino em algo genuinamente mais proveitoso? Em segundo lugar, como interessar o aluno no uso escolar da Informática, levando-o a habituar-se a controlar os restantes factores distractores e a concentrar-se em tarefas que proporcionem aprendizagem?

A solução pode passar por uma utilização mais efectiva de plataformas de e-Learning, como o DokEOS, que é usado no Colégio. Ao integrar de forma mais pensada uma destas plataformas nas actividades de cada disciplina (ao invés de a considerar apenas como um depósito de documentos de apoio), pode conseguir-se um maior envolvimento do aluno que o leve a realmente ter vontade de “desligar” outros elementos distractores e, de facto, executar as actividades que lhe proporcionam aprendizagem de conteúdos importantes. Por outro lado, esta utilização diferente de uma ferramenta informática terá de funcionar na base da procura e da criatividade, integrando também uma dose de indispensável improviso, o que empurra o aluno para caminhos que se afastam do mero plágio de ideias pensadas por outrem.

Algumas pistas práticas de actividades concretas que podem ser, desde já, aplicadas utilizando módulos da plataforma DokEOS:

● **Construção de uma wiki da disciplina.** Uma *wiki* é uma base de dados de conhecimento relacional, em que cada artigo sobre um determinado conteúdo contém hiperligações para outros artigos que ajudam a compreender o assunto. O exemplo mais famoso de uma *wiki* é a já referida *Wikipedia*. Nesta actividade, os alunos e o professor iriam, ao longo do ano, introduzindo conteúdos (e corrigindo, se necessário, os conteúdos já introduzidos) acerca da matéria da disciplina e outras temáticas a ela associadas, construindo em conjunto uma base de conhecimentos interligada e, efectivamente, útil na aprendizagem, quer de quem a cria, quer para quem a consulta.

Já agora... eis a minha resolução do problema colocado:

Logaritmo (logarithm)

<http://en.wikipedia.org/wiki/Logarithm>
O logaritmo de base X de um número Y é a potência à qual X tem de ser elevado para obtermos Y.

John Napier

http://en.wikipedia.org/wiki/John_Napier
John Napier (também conhecido como O Maravilhoso Merchiston) foi um matemático escocês que introduziu o conceito de logaritmo, no século XVII.

Escócia (Scotland)

<http://en.wikipedia.org/wiki/Scotland>
A Escócia é um país que faz parte do Reino Unido, e cuja capital é Edimburgo.

Reino Unido (United Kingdom)

http://en.wikipedia.org/wiki/United_Kingdom
O Reino Unido é um país europeu cuja capital é Londres e que engloba a Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte.

Primeiro Ministro do Reino Unido (Prime Minister of the United Kingdom)

http://en.wikipedia.org/wiki/Prime_Minister_of_the_United_Kingdom
O primeiro ministro do Reino Unido é o líder do governo parlamentar, o regime político existente neste país.

Winston Churchill

http://en.wikipedia.org/wiki/Winston_Churchill
Político inglês que foi primeiro ministro do Reino Unido durante a 2ª Guerra Mundial.

Conseguem fazer melhor?

Para concretizar esta actividade e a avaliar adequadamente, o professor teria de determinar critérios, que podiam incluir a qualidade dos conteúdos inseridos por cada aluno, a pertinência das alterações propostas ou a regularidade de actualizações.

● **Dinamização do fórum da disciplina.** Cada disciplina dispõe de um fórum que pode ser livremente utilizado por professor e alunos. O funcionamento de um fórum tem vários factores a considerar. Em primeiro lugar, é necessária a existência de uma figura de “moderador” que se encarrega de garantir que as várias mensagens em discussão permanecem dentro dos parâmetros aceitáveis, quer no que diz respeito ao assunto, quer ao conteúdo e à linguagem utilizada. Em segundo lugar, o fórum tem tendência a perder interesse se não for utilizado de forma dinâmica: o professor, e também os alunos, devem colocar questões interessantes para debater com os restantes participantes com alguma regularidade. Por exemplo, o professor poderia iniciar um novo tema de discussão a cada 7 ou 15 dias. Finalmente, um fórum exige uma participação regular, tanto da parte do professor como da parte do aluno: se existe uma dúvida ou um novo assunto em debate, é pouco eficaz e nada motivador se a resposta a essa questão inicial se der ao fim de 2 meses. As respostas têm de surgir em tempo útil, o que faz com que os participantes devam visitar o fórum com regularidade – pelo menos duas ou três vezes por semana.

● **Disponibilização de informação... mas não de toda.** Uma actividade interessante pode passar por propor aos alunos que se informem sobre um determinado tema para ser abordado na aula seguinte, por exemplo. Na plataforma seria disponibilizada alguma da informação necessária... mas com lacunas propositadas, que incentivem o aluno a pesquisar um pouco mais para conseguir realmente “encaixar as peças” e compreender adequadamente o assunto.

Recentemente, a secção Extra Credits da revista *online* The Escapist propôs um interessante jogo que pode, facilmente, ser adaptado à realidade escolar portuguesa que conhecemos. Diagnostica esta revista que um dos principais problemas dos alunos norte-americanos (e, sem surpresa, dos nossos alunos também) é uma dificuldade grande em relacionar conceitos. Se um problema exige a aplicação de dois ou mais conceitos ou conteúdos, os alunos têm muita dificuldade em encontrar uma solução. O jogo, que se propõe tentar praticar esta competência, consiste em consultar a página da Wikipedia (versão internacional, em Inglês, entenda-se) de um tema dado pelo professor e, utilizando apenas hiperligações incluídas no artigo, chegar a outro tema dado pelo professor no menor número possível de “saltos” (conta-se como um salto um clique numa hiperligação que passe para um artigo diferente). Por cada artigo que passe, o aluno teria de escrever uma frase sobre o conceito nele abordado, à laia de micro-resumo.

Por exemplo: como chegar, a partir do artigo sobre a função matemática Logaritmo (logarithm em inglês), até ao artigo sobre Winston Churchill?

Ao ter de encontrar relações entre o primeiro tema e vários outros até chegar, de clique em clique, ao último artigo pretendido, o aluno começa a interiorizar que tudo está interligado e que as soluções dos problemas que vai enfrentar ao longo da sua vida não envolvem matéria de uma só disciplina que foi estudada na véspera de um teste. Envolve, isso sim, conhecimentos de várias áreas diferentes e, muitas vezes, exigem pensamento lateral e abordagens mais criativas. Além disso, ao ter de escrever apenas uma frase sobre cada artigo, o aluno leu, aprendeu e produziu sem plagiar. Finalmente, como se trata de um jogo, uma grande parte dos alunos irá conseguir motivar-se para trabalhar realmente na resolução do problema, e terá menos tendência para enveredar por atalhos que não produzem aprendizagem. O truque nesta actividade está em escolher dois temas que sejam relevantes para a matéria de uma (ou mais do que uma) disciplina – escolha essa que estará a cargo do professor.

Nenhuma destas pistas que partilhei nestas páginas é uma ideia finalizada. Todas têm muitas arestas por limar, e podem mesmo ser impraticáveis em algumas disciplinas. Além disso, também é verdade que estas actividades exigem bastante do professor (e também dos alunos). Mas são pontos de partida interessantes, e talvez inspirem outras soluções ainda melhores para integrar de forma mais produtiva a Internet no nosso ensino.

“O meio é a mensagem. E ignorá-lo é não compreender a sua força”

A amplificação do conhecimento pelas redes

Ana Jorge Encarregada de educação. Designer de comunicação. Designer de interface gráfica em cursos de elearning na Universidade Nova de Lisboa.

A dependência do indivíduo relativamente às tecnologias de comunicação e informação é evidente. Sempre se procurou diminuir ou mesmo negar esta dependência, contudo, o indivíduo usou ao longo da sua história ferramentas para ampliar o seu corpo pela força e pelas extensões dos membros (próteses). Com a invenção do computador – “máquina sensória” –, a capacidade da mente foi ampliada, e a internet fez surgir um “hiper-cérebro”, sistema constituído por todos os cérebros do espaço cibernético permitindo o acesso instantâneo ao conhecimento global a todos os que estão conectados. Simplesmente não é possível ignorar a quantidade de informação que o ciberespaço disponibiliza.

As crianças que nasceram depois de 1990, década da massificação dos computadores, corporizaram os softwares electrónicos de uma maneira que o adulto tem dificuldade em compreender pela impossibilidade de os sentir como naturais. Seguindo esta ideia, a educação, na sua forma tradicional, deve procurar uma efectiva recepção por parte dos alunos. Para tal, iniciativas como esta reflexão que o Colégio Valsassina leva a cabo, são fundamentais.

Os processos cognitivos dos alunos alteram-se tão rapidamente quanto os ambientes dos jogos com os quais interagem em tempo real. “When a community develops some extension of itself, it tends to allow all other functions to be altered to accommodate that form.” **Torna-se fundamental a adaptação do modo de comunicar com os alunos às novas tendências culturais sob pena de a cultura cibernética em que se inserem ser exterior – conceptual e esteticamente –, ao ambiente de aprendizagem.**

Os jogos electrónicos implicam uma resposta instantânea ao nível perceptivo e, ao contrário do indivíduo adulto, os mais novos não conhecem outra realidade que não a dessas imagens em constante renovação. Os choques cognitivos a que estão sujeitos constituem efectivamente a sua forma de perceber. Como consequência têm cada vez mais dificuldade em esperar e em reflectir. Eles interagem virtualmente num jogo electrónico partilhado por rede e bluetooth, e no Facebook. São activos. Não esperam, agem. E sentem as tecnologias de “telepresença” como naturais.

Há muito que o “corpo” se repartiu negando localizações geográficas. O telefone já funcionava como duplicação do corpo e da mente ao “transportar” o indivíduo, contudo, a internet não apenas duplica o ser, também o multiplica esbatendo as noções de privado e de público, de eu e de outro numa virtualização mais efectiva porque mais fácil e mais “real”. Novas comunidades surgem independentes da localização geográfica. O que hoje constitui uma comunidade é um interesse, um tema, e baseia-se, também e em grande parte, na interacção virtual. A comunicação/interacção por rede é uma realidade que não pode ser negligenciada pela efectividade com que integra o dia-a-dia do jovem.



A utilização das redes pela população estudantil deve levar a uma reflexão no que diz respeito às ferramentas do ensino. Encontrar meios equivalentes poderá ajudar o aluno tornando a aprendizagem mais interessante e exigente no sentido em que coloca a matéria da aprendizagem e do entretenimento no mesmo plano cognitivo.

A minha experiência como colaboradora da Universidade Nova de Lisboa em projectos de e-learning (cursos ministrados pela internet) demonstrou que os alunos destes cursos –, geograficamente dispersos –, se relacionam por laços de amizade mais fortes do que os alunos em cursos presenciais. Ajudam-se entre si e sentem uma grande proximidade relativamente aos colegas e professores. Tal facto parece demonstrar que como ferramenta de interacção, uma plataforma electrónica de aprendizagem cumpre o seu desígnio.

Nesta linha de pensamento, a utilização das chamadas novas tecnologias de comunicação e informação poderão contribuir como ferramenta para uma aprendizagem de sucesso. Como afirmou Marshal McLuhan, o meio é a mensagem. E ignorá-lo é não compreender a sua força.

**“Há muito que o ‘corpo’ se repara-
tiu negando localizações geográ-
ficas. O telefone já
funcionava como duplicação
do corpo e da mente ao
“transportar” o indivíduo,
contudo, a internet não
apenas duplica o ser, também
o multiplica esbatendo as noções
de privado e de público, de eu
e de outro numa virtualização
mais efectiva porque mais
fácil e mais ‘real’.”**

educar para a cidadania

Jogo de simulação de uma sessão do Conselho Europeu. Uma boa experiência para todos.

Maria do Carmo Marques Pinto Professora Associada de Direito da União Europeia da Universitat Pompeu Fabra de Barcelona. Ex-funcionária do Conselho da União Europeia.



Finalizou há poucos dias no Colégio o projecto cujo objectivo era levar os alunos do 12º ano de Economia a adquirirem conhecimentos mais directos e mais profundos sobre a dinâmica de funcionamento das Instituições da União Europeia. Como? Proporcionando-lhes a ocasião para serem protagonistas de uma verdadeira sessão do Conselho Europeu da União Europeia em que na ordem do dia estava inscrito um dos dossiers mais complexos da actualidade da UE e da maior relevância para o nosso país e para o país vizinho: o dossier sobre o défice excessivo e o pedido de financiamento de Portugal, ao abrigo do Mecanismo Europeu de Estabilização.

Naquele primeiro dia, em que o Dr. João Valsassina e a Prof. Patrícia Avôes me apresentaram, no início da aula de Área de Projecto, as caras dos alunos eram um misto de curiosidade, cepticismo, e contrariedade. Na agenda pesada que tinham que gerir num ano de exames difíceis, caía-lhes do céu “a grande oportunidade”, o “desafio” e sobretudo o “grande privilégio” de terem sido escolhidos para protagonizarem uma experiência nova em que o Colégio apostava, com a intuição, o arrojo e a determinação que o diferenciam dos outros colégios: aproximá-los de uma realidade política, económica e cultural em relação à qual, devido à distância geográfica, à complexidade institucional e às interrogações que levanta, existe um enorme desapego.

Organizar a simulação de uma sessão do Conselho Europeu, sobre um tema tão complexo e difícil, cuja evolução fomos obrigados a seguir em real time, foi, como anunciou o Dr. João, um verdadeiro desafio e uma enorme oportunidade para todos. Um privilégio, para mim. E se no princípio se sentiram “desmotivados”, “desinteressados”, “receosos”, “confusos”, à medida que se ia aproximando o grande dia em que teriam que protagonizar a **Presidência do Conselho Europeu**, a **Comissão Europeia**, os **Governos de Portugal, Espanha e Alemanha**, e negociar os seus respectivos interesses em público... diante dos alunos de outros anos e do **Nicolau Santos**, convidado de luxo, tudo mudou: atacaram com determinação as complexidades, organizaram com imaginação a encenação, prepararam com competência e picardia as intervenções e assumiram com graça e leveza a própria caracterização: cargos, nomes, fatos, gravatas, vozes graves e colocadas, microfones, bandeiras, águas, infra-estrutura, ordem do dia, documentos sérios. “Muito obrigado Sr. Presidente”, “Tem a palavra o colega Durão Barroso”, “O Governo de Portugal considera”, “interrompo a sessão para que a Comissão Europeia”, “está aprovada a ordem dos trabalhos”, “a cidadania espera de nós”, “caminhamos para uma União Política”, “o cumprimento das obrigações que constam do Memorando”... jargão fácil para quem é um habituê dessas lides mas surpreendente e inesperada vindo de alunos do 12º ano.

O momento álgido chegou com a Conferência de Imprensa: quando vi o Nicolau Santos, de pé, numa atitude de respeito, a dirigir-se, com uma voz grave e pausada, ao Sr. Primeiro-Ministro de Portugal e colocar-lhe aquela pergunta difícil que todos levamos escondida dentro, fiquei sinceramente emocionada e por instantes cheguei quase a sentir que estava numa verdadeira sessão do Conselho Europeu... Parabéns a todos! Foi mesmo um privilégio!

“Achei um projecto importante, mas foi escolhido um exemplo muito complexo para uma acção deste tipo (...) Foi um projecto útil, em que na sua maioria a audiência percebe a iniciativa (...) Devem ser promovidas mais iniciativas destas, mas será necessário encontrar um espaço adequado, dado que a disciplina de Área Projecto vai ser extinta.”

José Manuel Marques Coordenador

Jogo de simulação Reunião do Conselho Europeu

Patrícia Avões Professora de Geografia

No âmbito da disciplina de Área de Projecto, foi proporcionada, aos alunos do 12º ano 2, a possibilidade de realização de um projecto totalmente diferente do que já alguma vez foi feito no Colégio: a simulação de uma reunião do Conselho Europeu.

Dada a crise actual por que passa Portugal, a reunião teve como tema de discussão, a concessão de um empréstimo ao nosso país e as medidas que com ele seriam impostas. Nela também participaram os Estados-Membros Espanha e Alemanha, assim como a Comissão Europeia e a Presidência do Conselho Europeu.

Apesar de pouco tempo, o trabalho foi muito e exigente!

Para os alunos a experiência foi muito enriquecedora:

“O projecto iniciou-se em Março e prolongou-se durante dois meses. O tema foi introduzido em várias aulas teóricas sobre as negociações reais que decorriam na União Europeia. De seguida, fomos divididos em grupos, nos quais trabalhamos durante o mês de Abril, para nos enquadrarmos na situação específica que tínhamos de defender.

Apesar de querermos que a simulação corresse bem, enquanto entidades independentes, tivemos de manter algumas informações em segredo, para que na reunião houvesse pontos totalmente inesperados e, assim, no dia da apresentação, tivemos de nos adaptar às diferentes situações que foram surgindo.”

“Considerarei esta iniciativa importante para o projecto educativo do Colégio, e uma mais-valia para o currículo dos alunos (...) O público ficou sensibilizado, embora lamente a escassez de público adulto devido ao horário escolhido. (...) Deve ser mais promovido este tipo de iniciativas pois fazem a diferença. É isso que distinguirá os alunos da Colégio Valsassina dos restantes.”

Maria Alda Silva

Directora dos Departamentos Didácticos

“Contribuiu para uma melhor perspectiva dos alunos sobre as políticas nacionais e europeias. (...) Acredito que a melhor parte do projecto foi a simulação em si, no entanto o horário da simulação devia ter sido conciliado com o horário de trabalho de modo a pudermos vir mais pais. (...) Depois de visto o resultado final, considero que será sempre um investimento visto pelo Colégio com bons olhos.”

João Valsassina

Director Pedagógico



Jogo de simulação Reunião do Conselho Europeu

“Achei muito interessante porque conseguiram expor um assunto que, para mim não era apelativo, de uma maneira leve e cativante. Tiveram um bom desempenho e trataram do assunto com muita seriedade. Quero destacar a intervenção bastante positiva da Comunicação Social e da Comissão Europeia.”

Rita Ramos, 11º2



“Esta simulação foi importante para que os alunos mais novos percebessem melhor as questões económicas da actualidade. Os grupos estavam bem preparados e demonstraram capacidade de resposta às questões levantadas pela Comunicação Social. Em suma, aprendi muito mais sobre a situação económica europeia, de Portugal e sobre as notícias que enchem as capas dos jornais e dos noticiários.”

Pedro Freire, 10º2

“Achei muito educativo e deu para ter uma ideia de como funciona uma reunião do Conselho Europeu. Considero que houve uma boa representação por parte dos alunos. Aprendi muito e permitiu-me conhecer algumas instituições que formam a União Europeia, e os seus objectivos, de uma maneira muito completa. Resumindo foi muito educativo e interessante.”

Marta Lima, 10º2



“Esta iniciativa foi muito importante porque os jovens não estão a par da situação económica e política em que o país e a Europa se encontram e assim ficámos mais dentro do assunto.

O grupo da Comunicação Social salientou-se pela pertinência das questões colocadas.

Fiquei a conhecer melhor a debilidade da situação económica de Espanha. Foi uma experiência pedagógica e enriquecedora.”

Salvador Freire, 11º1

“Achei uma boa iniciativa visto que, dado o momento que atravessamos, consciencializou os estudantes e futuros votantes, alertando-os para o tema. A simulação foi apresentada de maneira interactiva expondo dados concretos, o que tornou o discurso dos intervenientes plausível suscitando o interesse do público devido às discussões geradas. Gostei da prestação da Comissão Europeia e da Comunicação Social, devido à convicção e irreverência demonstradas, porque precisamos de mais pessoas assim.”

Madalena Costa, 11º1



educar para a cultura e língua materna

**“A Escola é
uma realidade
complexa, com
interacções
significativas em
todos os espaços e
parcerias escolares
que proporcionem
aquisição do
currículo
oculto.”**

Colégio Valsassina | Colégio Anchieta

Teresa Saruça Professora de Português

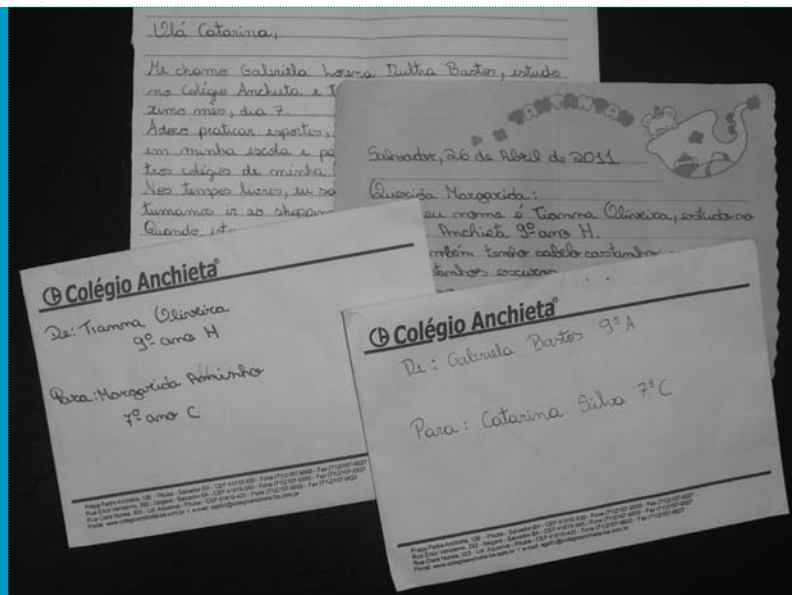
O projecto de intercâmbio escolar entre o Colégio Valsassina e o Colégio Anchieta de S. Salvador da Baía teve início no ano lectivo 2008/2009, e contou desde logo com uma adesão entusiasta dos alunos que se dispuseram a partilhar com os colegas brasileiros a sua experiência pessoal, académica, cultural e todo o seu universo de valores.

Os professores de Português encararam-no como uma boa oportunidade de desenvolvimento e sustentação de práticas educativas, assentes em princípios que valorizam a interacção, a comunicação e a co-responsabilidade.

É consensual que a Escola é muito mais do que uma sala de aula. A Escola é uma realidade complexa, com interacções significativas em todos os espaços e parcerias escolares que proporcionem aquisição do currículo oculto. Esse currículo é determinante para o SER e o ESTAR dos nossos alunos. Alargar esta aprendizagem através do género epistolar, ou em linguagem mais actual, através da escrita de cartas, pareceu-nos uma actividade estimulante a propor aos alunos, pois esta forma de comunicação bilateral à distância, completamente exótica nos dias de hoje, não deixa de ter imensas virtudes. Assim, não adianta concorrer com a internet, o e-mail, as mensagens de telemóvel, etc. O importante é convencer os alunos que tudo pode coexistir pacificamente e que cada forma de comunicação tem as suas especificidades, as suas vantagens, o seu encanto...

Falar de e sobre nós a alguém que nunca vimos é quase a construção de um cenário onde se movimentam personagens que criamos na nossa fantasia. Quando no fim da carta se expressa o desejo “Aguardo ansiosamente a sua resposta” criam-se expectativas positivas que noutra suporte não eram tão conseguidas.

É por isso um projecto que recolhe uma avaliação positiva por parte de todos os intervenientes portugueses e brasileiros que se deseja manter.



“Todo o envolvimento e trabalho resultaram em momentos de leitura e de criação de textos diversos (com)partilhados nas turmas e na edição de livros, um de poesia e outro de contos.”

Envolver-se, criar e crescer.

Liliana Verde Professora de Português e de Língua Portuguesa

“Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar! ”

“Quinto Império” da Mensagem, de Fernando Pessoa

O Projecto Educativo do Colégio Valsassina compreende a língua materna como um domínio e um instrumento basilar da aprendizagem. Ela é, com efeito, suporte do raciocínio cognitivo, do espírito crítico e da criatividade, instrumento de organização e expressão do pensamento.

Ainda que subsidiárias uma da outra, a leitura e a escrita são competências que necessitam de ser trabalhadas e desenvolvidas progressiva e individualmente em cada etapa específica do desenvolvimento da criança. Trabalho árduo e paulatino, implica que os docentes atendam à heterogeneidade e às dificuldades dos alunos. Conscientes das necessidades, os professores do 1.º ciclo e do grupo disciplinar de Língua Portuguesa e Português procuraram envolver e desafiar os alunos em diferentes projectos de leitura e escrita, quer em actividades nas turmas e no Colégio, quer projectando-se na Comunidade.

Todo o envolvimento e trabalho resultaram em momentos de leitura e de criação de textos diversos (com)partilhados nas turmas e na edição de livros, um de poesia e outro de contos.

Estratégia de leitura e escrita há muito tradição no Colégio, e que integra os programas escolares da Língua Materna, o Portefólio de Leitura tem sido uma forma de os alunos acederem ao património literário nacional e universal da Literatura, um desafio que leva a conhecer os grandes clássicos de diferentes nacionalidades, estilos e épocas literárias.

Mais recentemente, o Colégio abraçou outras iniciativas, cujos resultados foram reveladores do empenho dos alunos e da equipa docente. Congratulamos, especialmente, as alunas **Sofia Hemrage** do 7.º D, no concurso do Plano Nacional de Leitura, tendo obtido o primeiro lugar na 2.ª fase, as distritais; e **Helena Ramos** do 9.º D, com o 2.º lugar no concurso literário “Um Mar de Contos”, promovido pela E.M.A.M., Estrutura de Missão para os Assuntos do Mar.

Envolver-se, criar e crescer foi um desafio permanente. Para o futuro, esperamos novos desafios.

Na impossibilidade de especificar todo o trabalho desenvolvido, salientamos, de seguida, apenas algumas das actividades realizadas em Língua Portuguesa e Português.

A aluna Helena Ramos (9ºD), recebeu das mãos da Ministra da Cultura, Gabriela Canavilhas, o prémio relativo ao 2º lugar nacional no concurso “Mar de Contos”

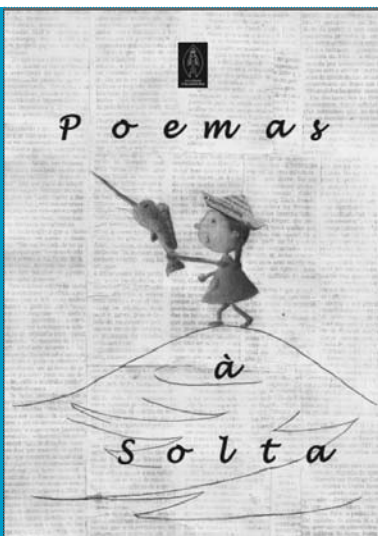
educar para a cultura e língua materna



CICLOS	ACTIVIDADES POR CICLO
1º CICLO	<ul style="list-style-type: none"> . Hora do Conto . Leituras dramatizadas . Leituras partilhadas de textos produzidos pelos alunos . Concurso “Soletra a Palavra” . Escrita colectiva “Quem conta um conto acrescenta-lhe sempre um ponto” . Momentos de escrita: <ul style="list-style-type: none"> – “Sou escritor” – “Falar como um dicionário” – “Os Pequenos Fantasmas” . Redacção de textos livres
2º CICLO	<ul style="list-style-type: none"> . portefólio de Leitura . Postais de Natal . Banda Desenhada . “Aula de Biblioteca” . Leitura de livros sugeridos pelo Plano Nacional de Leitura . Leitura de poesia . Leitura dramatizada
3º CICLO	<ul style="list-style-type: none"> . portefólio de Leitura . Leitura de poesia . Leitura dramatizada . Intercâmbio epistolar com o Colégio Anchieta, em Salvador da Baía . Projecto “Livro de Artistas” – em parceria com a Casa das Histórias de Paula Rego . A Melhor Carta de 2011 – Concurso promovido pelos C.T.T. e pela ANACOM, Autoridade Nacional de Comunicações . “Um Mar de Contos” – Concurso promovido pela E.M.A.M. . Concurso do Plano Nacional de Leitura
Ensino Secundário	<ul style="list-style-type: none"> . portefólio de Leitura . Concurso do Plano Nacional de Leitura . Concurso Grande C – Concurso promovido pela AGE COP – Associação para a Gestão da Cópia Privada . Projecto de Arte – em parceria com a Casa das Histórias de Paula Rego – trabalho de intertextualidade com Fernando Pessoa
ACTIVIDADES DO COLÉGIO PARA TODOS OS CICLOS	
<ul style="list-style-type: none"> Concurso de Poesia Poemas à Solta Antologia de Poesia – Poemas à Solta Semana das Línguas Feira do Livro Encontros com Escritores 	

Poemas à solta

Concurso de Poesia



Cores

O céu é azul
Mas deixou de o ser
Porque as aves no ar
Deixaram de haver.

O Sol é vermelho
E só se vê ao espelho,
É muito egocêntrico
Porque é a cor do meio.

A relva é verde
O mar esverdeado.
É tudo é verdejante,
Nada azulado.

Havia uma menina
Muito amorosa
E só se vestia
De cor de rosa.

O Nelo conduzia
Um carro amarelo.
Toda a gente dizia:
Que carro tão belo.

Laura Mota 4ªA

(1º classificado do 1º Ciclo)

Liberdade

Tantos falam sobre ti
Tantos sobre ti escrevem
Mas eu nunca te senti
Nos olhos que te descrevem.

És tudo e não és nada
És esperança parada
De quem te quer alcançar
Te quer para casa levar.

És o fruto proibido
Daqueles que impensada-
mente
Te crêem ter bebido
E guardado na mente.

Liberdade tu és ar
Que bom é te respirar
Mas cuidado ao parar
Não te deixes aprisionar.

Inês Cavaco 8ºD

(1º classificado do 3º Ciclo)

Ser coerente

Sê coerente.
Ainda que lá fora te puxem,
Ainda que por dentro duvides,
Sê transparente.

Sê coerente.
Porque desistir de escolher
É tanto como escolher de-
sistir.
Sê consciente.

Sê coerente.
Mais do que pensar, falar ou
sorrir
Viver é agir por sentir.
Sê exigente.

Sê coerente.
Quando surgir uma indecisão
Responde com convicção.
Sê tu permanentemente.

Marta Magalhães da Silva 12ª1

(1º classificado do Ensino Secundário)



“Poemas à solta” e “Um mar de contos”
é o título de dois livros que reúnem parte do
trabalho dos alunos do Colégio Valsassina,
ao longo do ano lectivo 2010/2011.

A sua apresentação teve lugar no dia da
festa do Colégio (4 de Junho de 2011)



Mar de contos

Era uma vez uma sereia conchanária, uma rapariga bibliotecária na linguagem dos seres andantes terrestres, que tinha uma concharia, uma livraria ambulante. Essa jovem sereia, quando chegou à idade de trabalhar, estava decidida a vender conchas de contos por todo o mar, e por assim ser conhecida como fonte de sonhos. Ela vendia todo o tipo de conchas-contos, de drama, de fantasia fresca, de puro mistério, de polícias engenhosos, de tudo quanto possível para que cada concha-conto pudesse agradar ou até mesmo associar-se a um ser marinho, fosse ele peixe ou sereia, mamífero ou crustáceo, pequenino ou velhinho. Havia conchas-contos com desenhos alegres para os mais novos ou recheados de letras e vocabulário para os mais inteligentes ou com voz para os seres mais cegos. Se alguém procurava uma fonte de inspiração, uma nova cultura e saber, uma história para conhecer e contar a outros, ou mesmo um simples companheiro, só precisava de ir à concharia da sereia, pois ela tinha todo o gosto em ver que alguém tinha encontrado a sua concha-conto metade. Aliás, todos deviam visitar aquela concharia, pois, lá no fundo, todos procuram algo.

A sereia começou, então, a passear, pelo lado nordeste do mar. No início, só alguns peixes e crustáceos da zona rasteira passavam pela concharia. Mais pela curiosidade do que por outra coisa, compravam a concha-conto que mais lhes chamasse a atenção. Mesmo não tendo muitos clientes, os poucos que por lá passavam eram sempre atendidos com um sorriso, satisfazendo a alegria da jovem, e com um sorriso voltavam e/ou agradeciam com uma satisfação semelhante à dela. A concharia aos poucos e poucos começou a mudar de lugar, mas, os seres marinhos, que já lá tinham ido, pelo menos uma vez, sabiam sempre onde encontrá-la.

Ela moveu-se um pouco para outro e outro e outro lado. Andava agora a nadar pelos cinco Oceanos. A conchanária encontrou várias espécies de peixes e plantinhas, desde pequenos carapaus a rechonchudos peixes balões, desde tubarões de rude aspecto, mas amável coração, até gigantes baleias e orcas que procuravam alargar conhecimento, desde chocantes, elegantes e delicadas enguias e alforrecas a sinistras e rasteiras raias, engraçados e apressados cavalos-marinhos a malabaristas polvos, elaborados caranguejos, até simples e ricos camarões. Tudo o que tivesse vida na concharia queria entrar ou pelo menos um sorriso da sereia encontrar. As conchas-contos pareciam não acabar e todos tinham as suas. Todos falavam e espalhavam a fama das conchas-contos. Até as ostras contavam aos mexilhões, seus vizinhos, as histórias das conchas-contos e da sua primeira dona, a sereia conchanária.

Essa fama passou de boca em boca, de peixe a sereia, de vila a cidade, e assim por adiante, até chegar a uma cidade

misteriosa muito muito distante, onde os animais e as sereias não tinham liberdade.

Aos poucos e poucos, a sereia viu-se perante vilas, aldeias, cidades e até povos marinhos, cada um com a sua própria beleza e característica predominante e, em todas elas, havia população, maioritariamente sereias, com diferentes feitios e problemas, mas nada fora de comum de qualquer outro lugar e nada que não pudesse ser resolvido. Uns sítios eram mais civilizados, outros mais aventureiros, outros mais embelezados ou até mesmo mais ligados com os animais. Todos os sítios eram importantes até mesmo os pequenos corais do mar que a sereia admirava.

Certo dia, a sereia chegou ao pé de um enorme portão que mais parecia guardar ladrões do que uma população. Ela espreitou por entre as grades e viu um espesso nevoeiro. Tentou ver melhor e chamou:

– Olá, está aí alguém? – piscou um pouco os olhos para tentar ver melhor. – Será que me podem abrir a porta? – continuou a espreitar.

Um sereio, um pouco velho, aproximou-se a coxear, e quando ele parou, os portões abriram-se lentamente fazendo um zumbido que necessitava claramente de óleo. Ela empurrou a sua concharia e entrou na cidade, olhando-a de uma ponta à outra. O local encontrava-se deserto, mas com várias esculturas maravilhosas espalhadas pela rua, como um palácio de fantasmas.

– Desculpe – virou-se ela para o sereio à procura de alguém, mas o velho já tinha desaparecido – Está aqui alguém? – perguntou procurando vida, mas o único movimento era das bolhas de ar a flutuarem e a rebentarem. Nadou mais um pouco, por entre as algas, à procura do rei ou de alguém a quem pudesse pedir indicações. Nas casas búzios parecia haver olhos escondidos a observar cada barbatana dela. No fim, acabou por se cansar de nadar sem nada encontrar e sentou-se num banco a ler uma concha-conto. Quando terminou a sua leitura, arrumou a concharia e enroscou-se no banco, acabando por adormecer num sonho profundo.

Assim que acordou, um grupo de sereias e sereios, em forma de círculo, tinha-se formado à sua volta.

– Bom dia! – exclamou admirada a jovem acabada de acordar. Olhou um pouco em sua volta, verificando se não estava ainda a sonhar e, pouco depois, ouviu-se um búzio ao fundo da multidão.

– Deixem passar sua Alteza D. Mermórito. – anunciou alguém e todos se afastaram, abrindo caminho. Do fundo, apareceu uma quadriga guiada por cavalos-marinhos gigantes e acompanhada de sereiguranças. Quando a quadriga parou, todos se calaram e dela desceu o rei de pele branca, cauda brilhante e ar de deixar respeito.

– Quem és tu, jovem sereia? – interrogou ele, seriamente.

– Sou a sereia conchanária. Vim dum mar muito distante para vender e partilhar as minhas conchas–contos com os cinco Oceanos. – respondeu fazendo uma vénia. O rei olhou bem para ela e depois para as várias conchas–contos que havia na concharia. Elas eram ainda mais brilhantes do que a sua cauda e cada uma era diferente. O rei e o seu povo nunca tinham visto algo assim, mas já tinham ouvido rumores... Esta era a cidade misteriosa!

– E como é isso das conchas–contos? – desconfiou o rei.

– É como a imaginação lhe permitir... – sorriu amavelmente a sereia – Sua Alteza pode ler uma concha, ouvi-la ou vê-la através de desenhos. Tenho conchas–contos sobre romances, fantasias, policiais, vidas reais ...

– Chega de conversa! – declarou D. Mermórito – Não permitirei que tal conversa fiada entre na minha cidade nem que ponhas essas ideias malucas na cabeça do meu povo. Podes sair desta cidade de imediato! – discursou raivoso, apontando para o portão.

A jovem fez como o rei mandara e, lentamente, dirigiu-se para fora do portão, mas antes de sair da cidade disse:

– Se alguém quiser uma concha–conto ou apenas uma história contada por mim, saberá onde me encontrar – deu o convite sempre sorrindo, agora menos que o habitual. A sereia instalou-se numas rochas junto ao portão, e lá se sentou à espera de clientes. Aparecia um ou outro animal que lhe vinha pedir conchas–contos e ela até leu uma concha–conto para umas pequenas estrelas que também estavam junto a essa rocha onde se sentara. Havia uma ou outra sereia que espreitava pelas grades, mas nenhuma tinha coragem de atravessar os portões. Assim que anoiteceu, arrumou a concharia e deitou-se. Quando já estava quase a dormir e o cimo do mar quase tão escuro como o preto, os portões abriram-se e ouviu-se um zumbido enferrujado que despertou a sereia. Dos portões saiu uma sereia de manto e encapuzada como um monge que escondia a cara. A jovem, um pouco ensonada, olhou para a sereia que se aproximava com um ar curioso e esperou. Devagarinho, devagarinho, lá chegou a sereia junto à conchanária e, tirando o capuz em sinal de respeito, sussurrou:

– Desculpe incomodá-la a estas horas, mas eu não podia sair de outra maneira. Será que me podia vender uma concha–conto?

– Claro! – respondeu sem demora – Escolha o que quiser. – disse apontando para a concharia. A senhora sereia escolheu a sua concha–conto, sem demora e, de seguida, desapareceu para dentro da cidade.

Com o passar dos dias, mais e mais sereias e sereios, vindos daquela cidade, apareciam sorratamente na concharia, cada vez mais contentes por lá terem passado. Num desses dias, a jovem conchanária contou uma história a um pequeno sereio e ele contou–lhe também uma, a da sua cidade que tinha sido

culta, elegante e sobretudo livre, até que apareceu um sucessor ao trono muito cruel e invejoso, Mermórito, que pensava que seu pai gostava mais de toda a população do que do seu próprio filho e que, por vingança, agora deixara o povo sem liberdade. Não deixando entrar uma gota de imaginação, pois Mermórito temia que essa imaginação e liberdade desse o fim ao seu reinado.

– Gostava que a vida tivesse um final feliz, como nas conchas–conto – disse tristemente o pequeno imaginativo e sincero.

– A vida pode ter. – sorriu honestamente – É só preciso nós fazermos dela feliz. E nem todas as conchas–conto acabam bem... – acrescentou. Não muito depois, o sereio despediu-se e foi para dentro da cidade.

Ao relembrar a terrível história contada, a jovem decidiu fazer algo.

Um dia, deu um saco carregado de maravilhosos mistérios ao pequeno sereio e pediu–lhe para o deixar no centro da cidade. Nessa noite, a sereia caminhou pela cidade adentro apenas com uma concha–conto na mão e deixou–a a brilhar na janela mais alta do reino, que dava para o quarto do rei. No dia seguinte, a cidade encontrava-se cheia de conchas–contos espalhadas, e toda a população começou a escolher a sua concha–conto preferida. Havia conchas–contos no chão, em cima de bancos de pedras, ao lado de estátuas e de casas–búzios, por de trás de algas... havia por todo o lado!

Todos estavam muito entretidos com um sorriso na cara e uma incógnita descoberta no coração, até que, por entre a multidão, apareceu o rei.

– Meu povo – começou ele tendo todos os olhares assustados em cima de si – Hoje... – e os corações batiam mais fortes não largando as conchas–contos – declaro... que os nossos portões estão oficialmente abertos a tudo e a todos. Com isto quero dizer que todos estão permitidos de ler, ver ou ouvir as suas conchas–contos!

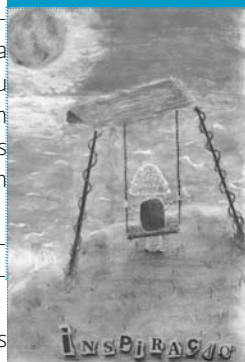
A multidão aplaudiu e gritou emocionada com toda a sua força.

– Meus senhores, agradeceremos à sereia conchanária! – anunciou.

Houve uma ou outra troca de olhares à procura dela, mas ninguém a encontrou. Isso não foi problema, pois a festa continuou e as conchas–contos permaneceram utilizadas por todos os cinco mares, agora, mais alegres e unidos que nunca.

Nenhum ser marinho se esqueceu da sereia conchanária nem das suas mágicas conchas–contos, se calhar até nenhum “ser andante”, se é que já ouviu falar, ou teve o prazer de a conhecer...

Helena Ramos 9ºD. Trabalho premiado no concurso literário Mar de Contos (2º lugar nacional)



educar para o bilinguismo



A aluna Sara Vaz (11º2), à esquerda na imagem, ficou classificada em 3º lugar a nível nacional.



The experience of making a speech in English for an audience

Going to the British International Speaking Contest was, by far, the best activity we have ever attended concerning the English subject and, although we entered the British Council ruled by anxiety, it was an experience we will never forget.

It's difficult, we're not going to lie, to face an audience and talk about something you yourself wrote. Who knows you won't choke on your own words? Who knows if the audience will be pleased with your speech? Who knows if your words won't simply come out? It is a little bit intimidating...

But we will tell you this: once the hard time is over, the feeling you experience is great, a feeling of achievement...and pride.

And that is why we advise each and every one of you not to be afraid of speaking up and sharing this experience. We all have our own voice; we all have something to say.

So, remember, next time there is a British International Speaking Contest, sign up! We all know it's easy to stand up with the crowd, but it takes courage to stand up alone, before a crowd!

Sara Vaz 11º2 Miguel Santos 11º1

English-Speaking Union Portugal 2011

David Evans Chairman, English-Speaking Union Portugal

I am delighted to report that the National Public-Speaking Competition 2011 was a great success. With 23 competitors from 15 state and private schools delivering speeches, ranging from Penafiel to Almada, it is no exaggeration to say that everyone who crowded into the magnificent Conference Room at the British Council- teachers, competitors, judges, friends and parents, had an exciting and stimulating day. And the rain held off until it was over too!

According to the judges the standard of speeches was even higher than last year and once again state secondary schools gave good account of themselves against stiff competition from the private schools. Congratulations to all the teachers concerned and thanks to all of you who gave up your Saturday to be adjudicators.

The winner of the competition, was from Escola Secundária de Alves Redol in Vila Franca. The two runners-up, who were presented with book prizes by ESU Board member Cristina Calçada, were Ricardo Abreu from Escola Secundária de Amarante, managed to place its two competitors in the final ten, and **Sara Vaz** from Colégio Valsassina.

The English-Speaking Union Portugal is extremely grateful to the British Council and to APPI, the Portuguese Association of Teachers of English for their continuing support, and to HSBC for sponsoring the National Public-Speaking Competition 2011.

Creative writing

Our new English project began when the teacher suggested writing a creative text based on Roald Doahl's story "The Landlady".

Among the many subjects we could chose, from the "Landlady's therapist" to "The Haunted House", we opted for the "Detective's Investigation" and we also decided to write it using the "Fibonacci sequence", which became a quiet challenging experience. However, it was the difficulty which made the text even more enjoyable to write.

The Fibonacci sequence made us write a certain number of words in each sentence, according to the following logical sequence: we started with number one, followed by number three and then we always had to sum the number which was before the last one we had used; for example, after number three, we added 2 and 3 and the number of words we had to write on the next sentence was five, after five it was nine words (5+4) and so on.

We did it until we reached 129 words in a sentence. Then we thought it was long enough. Besides, writing a sentence with 262 words was beyond our skills, so we inverted the process and our sentence's words number became something like: 1, 3, 5, 9, 17, 33, 65, 129, 129, 65, 33, 17, 9, 5, 3 and finally 1.

Enjoy the reading!

"Detective's Investigation"

1922. New investigation's number. The year when everything happened. An odd similarity as weird as the case became. In August of this year, a young man suddenly disappeared where two others had already vanished, mysteriously.

A beautiful and impressive storm was scratching the dark sky outside and a boarding house was a warm and safe place on the deserted Bath – but the chrysanthemums were a really bad sign.

Despite all the death signs, from the graveyard flowers to the velvety curtains (which I had previously seen covering coffins), I got inside because the trace of the three disappeared men finished there and it was my duty to find out the complete enigma around the old lady, with those deep iced blue eyes, who opened me the door immediately after I rang the bell.

When I was crossing the door I glimpsed the last time at the empty and cold street, packed of lamps projecting, with their dim lights, dark shadows of the pointy roofs on the road ; such a mystical image which created a weird and wonderful contrast with the living room, decorated with sofas and elegant furniture, a welcoming fire burning in the centre; nevertheless, what most attracted me was the apparently asleep dog so peaceful, quiet and motionless; my nose, on the other hand, felt a well-known hospital smell which wasn't exactly in harmony with the rest of the room and, at last, I saw the guest book, lying in a corner of the counter almost invisible, with three names written on it, three names I knew by heart.

After watching every single piece of decoration carefully, I asked the landlady to show me the rest of the house, she understood that I was what she called a "policeman", so I told her that I preferred being called detective and with a witty manner she asked me for my name, "Richard Whitestone" I answered, while she introduced me to the next two floors of the impeccable house – the first floor was only for her as she clearly explained and the second one was for the guests and I must recognize I was delighted by the simple beauty which ruled the environment around me – Although I tried to see all the details, the only thing I was interested in was the last white flat ceiling, so empty it was.

I felt uncomfortable every second I spent there, the lady's eyes – iced as they were with the sparks of fire dancing inside them – had never left my body, analyzing me, looking at me upside down as if I were a horse for sale and it was terrifying- it seemed it was boiling on the living room when she offered me a cup of tea.

The tea almond smell was relaxing, but I was still too nervous with her and such a clean boarding house to drink it; I guess I can say my police's instinct saved me.

"There's a crow outside" I smiled and she grinned "the crows have been attracted by my tea".

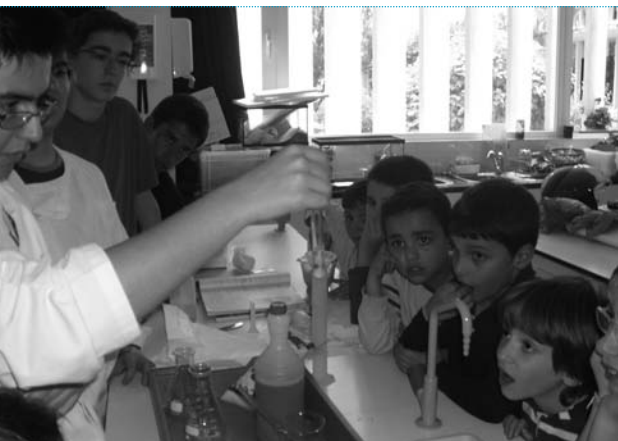
"I've never seen crows who liked tea" I replied.

A special tea she suggested. I arrested her. Crows! **Mariana Viegas and Catarina Graça 10º 1A**

educar para os valores

“Educação nunca foi despesa. Sempre foi investimento com retorno garantido.”

Arthur Lewis



Ciência, Saúde e Voluntariado – uma parceria do presente para o futuro

Desde Janeiro de 1996 que os Leigos para o Desenvolvimento, uma ONGD de cariz voluntário, estão em Benguela, Angola, a realizar um trabalho que visa potenciar o progresso. Focam-se, essencialmente, em três áreas específicas: Educação, Saúde e Promoção Social. Ao nível da Educação, para além de leccionarem em escolas, os Leigos para o Desenvolvimento têm também um projecto de alfabetização de jovens e adultos, com a intenção de formar e avaliar 20 alfabetizadores que, por sua vez, irão instruir a população local. Na área da Saúde, com o auxílio de médicos e enfermeiros voluntários, estão a melhorar os centros de Saúde e, mais importante ainda, estão a investir na formação de técnicos de saúde locais. A promoção da Educação para a Higiene e Saúde básicas é também outra classe de intervenção, desempenhada nesta comunidade. No que diz respeito à Promoção Social, entre outros projectos, foi iniciada uma actividade de micro-crédito (que permite que mulheres dêem início a negócios locais), semelhante à que foi originalmente desenvolvida por Muhammad Yunus, Prémio Nobel da Paz (2006), no Bangladesh.

Com base neste exemplo, podemos verificar que o Voluntariado, se for suportado pelo avanço científico e tecnológico e pelo Conhecimento (Ciência), representa um meio de promoção da Saúde e da Educação, que, por sua vez, permitem o desenvolvimento e autonomia das populações.

A Ciência, nomeadamente a investigação científica, é um catalisador que, entre muitos outros benefícios, contribui para a melhoria dos índices de Saúde, uma vez que potencia uma cura, mais acessível, de determinadas doenças (por exemplo, por meio de antibióticos) e, sobretudo, permite a prevenção das mesmas, por exemplo, pela vacinação, método directo, e pela drenagem de águas infectadas, método indirecto. Os avanços científico-tecnológicos permitiram, entre muitos outros, o desenvolvimento de meios que facilitam a globalização, possibilitando, assim, a distribuição de alimentos e bens de primeira necessidade, a rápida resposta em situações de emergência e, até mesmo, uma melhoria na instrução. O trabalho realizado pela Bill & Melinda Gates Foundation, com o projecto Bibliotecas Públicas, ilustra bem esta dinâmica. É clara a influência positiva que, neste caso, a Internet pode ter na melhoria da qualidade de vida das populações, assim como no seu nível de instrução, uma vez que esta “cria oportunidades que permitem a cada indivíduo a melhoria da sua vida. O acesso à Internet permite obter informação sobre Saúde, usar os serviços governamentais, gerir as próprias finanças, procurar emprego, fazer pesquisa para a escola ou para o trabalho, e manter-se em contacto.”

Para que os já mencionados benefícios que advêm da Ciência, possam abranger um maior número de indivíduos e conduzam ao desenvolvimento, é altamente relevante a actuação no local de intervenção, por meio de um trabalho voluntário. Pela falta de conhecimento científico-tecnológico de certas populações, estas apresentam condições de vida precárias e níveis de riqueza praticamente nulos, pelo que é importante, numa fase inicial de intervenção, após a prestação de cuidados básicos de Saúde, instruir e educar. Devido ao seu baixo poder económico, não é possível, de início, que este serviço – de saúde, educação e instrução – seja pago.

Assim sendo, o Voluntariado apresenta-se como a melhor e mais eficiente alternativa para a resolução destes problemas. É igualmente fundamental que os voluntários sejam suficientemente qualificados, de modo a que possam concretizar estes objectivos de modo eficaz. A título de exemplo, os voluntários dos Leigos para o Desenvolvimento, da AMI ou dos Médicos sem Fronteiras são obrigatoriamente licenciados, uma vez que é isso que possibilita que possuam um maior conhecimento e, porventura, experiência, que lhes vai permitir desenvolver a sua missão de uma forma mais produtiva. Em suma, o Voluntariado funciona como intermediário entre os frutos da Ciência e as zonas onde estes ainda não foram minimamente aplicados.

Pelo Conhecimento, e através do Voluntariado, consegue obter-se uma melhoria substancial em parâmetros de Saúde e Escolarização que, por sua vez, contribuem para um desenvolvimento a nível económico e para uma mudança no estilo de vida, conseguida através do aumento de autonomia dos países. A Educação permite o desenvolvimento do raciocínio, ensina a aplicação dos conceitos e estimula a inovação, o que conduz a uma certa independência pessoal que cria um dinamismo na comunidade (“Educação nunca foi despesa. Sempre foi investimento com retorno garantido”, Arthur Lewis). Foi demonstrado, através de estudos realizados por várias entidades, nomeadamente o governo Indiano e a UNESCO, que o investimento na instrução das mulheres é uma das formas mais eficazes de melhorar significativamente certos indicadores de saúde e desenvolvimento, tais como a taxa de mortalidade infantil ou de crescimento da população. Mulheres instruídas não só tendem a promover a educação das suas filhas, como também orientam melhor todos os seus filhos.

Mais do que isso, mulheres instruídas podem ainda ajudar na diminuição da taxa de mortalidade infantil e de crescimento da população. Deste modo, torna-se evidente que um benefício significativo do voluntariado aliado à ciência é o facto de **tornar as populações conhecedoras, capazes e autónomas**. Assim, será possível pensar o futuro sem depender permanentemente das ajudas monetárias internacionais.

Em relação às ajudas internacionais, consideramos interessante atentar num outro ponto de vista, o de que a economia e a globalização podem sustentar o desenvolvimento generalizado [“A população mundial na situação de carência (menos de 1,25 dólares por dia) caiu de 35% do total para menos de 26% nos últimos dez anos. Isso significou arrancar à miséria 50 milhões de pessoas por ano.

Quem fez isto não foi a ajuda ao Terceiro Mundo, a caridade cristã ou a sociedade socialista, mas a entrada na economia de mercado pela globalização.”, João César das Neves].

Dado o exposto, entendemos que a Ciência e a Educação são factores e ferramentas determinantes para o desenvolvimento, que podem ser levadas, por Voluntários, para locais onde a intervenção é fulcral, contribuindo, assim, através da melhoria da Saúde e Instrução das populações, para o referido desenvolvimento que possibilita a sua auto-gestão.

Ana Sofia Cavaco e Beatriz Costeira 12ª1A



Referências bibliográficas

<http://www.ecclesia.pt/leigos/>, acedido em 30 de Março de 2011

<http://www.gatesfoundation.org/libraries/Pages/global-libraries.aspx>, acedido em 31 de Março de 2011

UNESCO. International Literacy Day (8 September): UNESCO launches new Knowledge and Innovations Network for Literacy (KINL). Acedido em 26 de Março de 2011 em: http://www.unesco.org/new/en/media-services/single-view/news/international_literacy_day_8_september_unesco_launches_new_knowledge_and_innovations_network_for_literacy_kinl/

Índia Education. Women Education in India. Acedido em 26 de Março de 2011 em: <http://www.indiaedu.com/education-india/women-edu.html>

NEVES, João César das. (2009). O Valor Ético Do Capitalismo. Acedido em 26 de Março de 2011 no Web site do: Diário de Notícias (DN): http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1138527&seccao=Jo%E3o%20C%E9sar%20das%20Neves&tag=Opini%E3o%20-%20Em%20Foco&page=-1

“ser Valsassina é ser inteiro” Mensagem apresentada durante a missa de finalistas Oração de Acção de Graças



1993 foi o ano que marcou as nossas vidas de uma forma ímpar. O início representará sempre o abrir de portas, o formular de sonhos, o nascer de uma promessa. Um minuto apenas chegou para que à nossa frente víssemos nascer connosco uma realidade cheia de mundos por descobrir.

A família foi o primeiro universo que soubemos desvendar. Pai e Mãe foram provavelmente as nossas primeiras palavras. Tal não pode ser encarado com estranheza, visto serem a base a partir da qual edificámos aquilo que somos.

1996 veio trazer um novo início: a descoberta da Escola, e consigo, a descoberta da primeira comunidade, das primeiras relações, dos primeiros amigos. O Colégio tornou-se parte da definição de nós do mesmo modo que nós nos tornámos parte de um projecto ambicioso.

Na Infantil, o bibe azul ou cor-de-rosa veio mostrar-nos a identidade que, em conjunto, iríamos construir. E desde o primeiro momento percebemos que poderíamos encontrar nas nossas educadoras o apoio e suporte fundamentais para o caminho desta construção. Cada sorriso, cada descida no escorrega, cada corrida para aquela que nos parecia ser uma enorme cantina e que hoje se revela na sua verdadeira pequenez, cada sesta quando o cansaço não permitia mais brincadeiras, cada dia, cada semana, cada ano foi marcante no nosso crescimento.

1999 marca a entrada na Primária. Após a descoberta da família e da escola, este novo ciclo veio desvendar o mundo lá fora. Aprendemos a ler, a escrever, a fazer contas, a ver as horas, aprendemos que só o sinal verde nos permite atravessar a rua, que para Este temos Espanha e para Oeste o Oceano, aprendemos a entoar com orgulho “A Portuguesa”. Aprendemos que ser Valsassina é ser inteiro.

Todos juntos disputámos as “desafas”, os nossos torneios de futebol a que euforicamente nos entregávamos, cheios de espírito de equipa, em prol da defesa da reputação das nossas turmas.

Foi todos juntos que esperámos com ansiedade as 6as feiras de Carnaval e os seus disfarces, que nos permitiam ser aquilo que a imaginação e a vontade ditassem. Foi todos juntos que contámos pelos dedos da mão os dias que faltavam para ser a nossa vez de fazer fila no bar e comprar aquele gelado de copinho que fazia as nossas delícias.

Partilhámos as alegrias de todos os dias, mas também as tristezas, que só desta forma fomos capazes de ultrapassar.

2003 transportou-nos para uma realidade diferente. Afinal, marcou a passagem para um ciclo diferente, para disciplinas diferentes, para um pavilhão diferente. Será necessário recorrer às memórias desse tempo para visitar o nosso antigo pavilhão cor-de-rosa e voltar a entrar na sala de música ou no campinho, palco de tantos jogos de futebol, ou descansar nos grandes círculos recortados nas paredes.

“...os métodos de estudo que aqui nos inculcaram e a exigência que aprendemos a ter, sobretudo com nós próprios, que não podemos nem queremos esquecer.”

A formação de mais uma turma trouxe consigo a criação de novos laços. Aqueles que chegaram cedo sentiram o acolhimento daqueles que sempre conheceram os cantos à casa.

2005 veio anunciar o início de mais uma etapa nas nossas vidas. O 3º Ciclo requeria agora mais trabalho e dedicação do que nunca, sempre conscientes de que a responsabilidade crescia ao ritmo da nossa altura.

Já com amizades firmes e um espírito de união vivido a cada dia, foi num abrir e fechar de olhos que vimos chegar o fim do 9º Ano e com ele a tomada das nossas primeiras decisões para a construção do futuro.

Pelo caminho tinham ficado a Matemática, o Português, o Inglês, o Francês, a História, a Geografia, as Ciências, a Físico-Química, a Educação Visual e a Educação Física. Mas gostar de tudo já não era permitido e a necessidade de escolher tornou-se uma realidade. E se para uns foi tão fácil quanto responder naturalmente à vocação que sempre tiveram, para outros essa escolha implicou a despedida desta nossa Família Valsassina. As lágrimas caíram, mas nunca a certeza de que continuamos juntos pela vida.

Em **2008** foi altura de recuperar os sorrisos para abraçar mais um grande desafio: o Secundário. Ansiosos por explorar as matérias eleitas, deparámo-nos com uma nova turma, onde revíamos os nossos gostos e interesses naqueles com quem partilhávamos a carteira. E quanta alegria não há em sentirmos que somos parte de um grupo, de uma equipa, de uma turma que nos suporta nos momentos difíceis e festeja connosco os momentos de euforia.

Não podemos negar que as viagens que ao longo destes anos fizemos juntos, em especial a Viagem de Finalistas, foram experiências inesquecíveis que marcam a nossa passagem por este Colégio. Contudo, são também os métodos de estudo que aqui nos inculcaram e a exigência que aprendemos a ter, sobretudo com nós próprios, que não podemos nem queremos esquecer.

17 de Maio de 2011: Queremos agradecer-Te, Pai, a certeza de que ao longo deste tempo estiveste connosco a cada passo da nossa vida. Ainda que, por vezes, tenhamos duvidado; ainda que, por breves instantes, tenhamos pensado em desistir, agradecemos-Te, Pai, porque nos devolveste a Esperança. Agradecemos-Te, Pai, porque nos fizeste privilegiados. Agradecemos-Te os nossos Pais que desde cedo fizeram do nosso futuro prioridade. Agradecemos-Te os nossos professores que souberam descobrir o melhor de nós. Agradecemos-Te o trabalho por vezes invisível, mas sem dúvida indispensável, de todos os funcionários.

Porque **no Colégio Valsassina encontramos mais do que uma escola de letras e números, uma Escola de Vida. Porque podemos afirmar que tudo o que vivemos, vivemo-lo suportados pela amizade.**

Agradecemos-Te, Pai, por podermos recordar com um sorriso todos estes espaços, estas pessoas, estes momentos.

Agradecemos-Te, Pai, porque é com orgulho, que afirmamos:
Somos Valsassina.

Marta Magalhães da Silva 12º1

educar para a partilha de experiências...



Projecto Trajectórias Residenciais e Metropolização

Sandra Marques Pereira Doutora em Sociologia pelo ISCTE-IUL

É com muito gosto que a equipa do projecto Trajectórias Residenciais e Metropolização do DINÂMIA-CET do ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa, anuncia que o Colégio Valsassina será a primeira escola a participar no mesmo. Neste projecto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), estamos a analisar as trajectórias residenciais da população residente na Área Metropolitana de Lisboa de modo a perceber as lógicas sociais de composição e desenvolvimento deste território. Em termos metodológicos, os procedimentos fundamentais são um inquérito (representativo) à população da AML a que se seguirão entrevistas de aprofundamento dos resultados do mesmo.

Complementarmente, a equipa desenvolveu o [site www.trajectorias-residenciais.com](http://www.trajectorias-residenciais.com) que, para além de ter uma função de divulgação do projecto, pretende ainda fazer uma aproximação exploratória ao tema, ensaiando para tal uma nova metodologia baseada na utilização das novas tecnologias de informação.

Neste *site*, os cidadãos, que residam ou já tenham residido na AML, são convidados a contar-nos a sua história residencial e a mapear a sua trajectória, as quais lhes serão devolvidas, visto que as poderão imprimir ou até partilhar no Facebook.

O *site* está *online* desde Março e a adesão tem sido intensa, o que revela que a história das nossas casas é a história das nossas vidas e que, portanto, grande parte das nossas biografias pessoais é indissociável das casas que habitámos.

Para os mais novos, criámos o trajectoriazinhas. Aqui, também as crianças, em contexto escolar e sempre com autorização dos encarregados de educação, têm a oportunidade de contar a história das suas casas, desenhá-las e descrevê-las. As casas vistas pelas crianças, entre o 2º e o 7º ano de escolaridade, é o projecto que o Colégio Valsassina irá desenvolver neste final do ano lectivo de 2010/2011. Tal como o João André, cada criança irá fazer uma redacção e um desenho sobre as suas casas, os quais serão posteriormente digitalizados e descarregados no item Participa do Trajectoriazinhas.

A equipa do projecto agradece desde já a participação do Colégio Valsassina. Estamos certos que esta participação, para além de enriquecer muitíssimo este projecto de investigação científica, será seguramente um desafio pedagógico e criativo para as turmas envolvidas. Acreditamos também que as histórias das casas contadas pelos alunos do Colégio Valsassina irão inspirar outras crianças de outras escolas, num progressivo alargamento desta base de dados multi-média que nos permitirá analisar as representações que as crianças fazem das casas.

Eco-Escolas. Uma rede de escolas, uma comunidade de aprendizagem, uma ferramenta para a sustentabilidade...

João Gomes¹ e Pedro Miranda². ¹Coordenador Eco-Escolas e SEA-UNESCO. ²Professor do 1º ciclo.

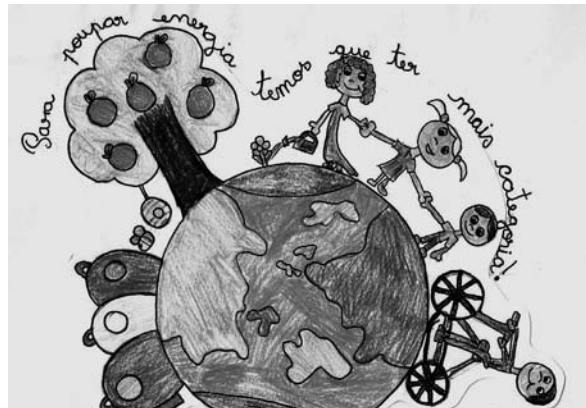
“A Natureza nunca nos decepciona. Nós é que sempre nos decepcionamos a nós próprios.”

Embora a célebre frase de Jean-Jacques Rousseau seja uma realidade, tem-se assistido, nas últimas décadas, essencialmente a partir dos anos sessenta do século passado, a um intenso debate ligado à emergência de graves problemas ambientais e decorrente da tomada de consciência, por vários sectores da sociedade, de incidências e impactes sobre o ambiente, resultantes da concretização de modelos de desenvolvimento baseados predominantemente no crescimento económico. **O tema ambiente foi-se tornando um paradigma social dominante.** Esta crescente preocupação deu-se nos chamados países desenvolvidos levando a que o público tenha exigido que os factores ambientais fossem explicitamente tomados em consideração no processo de tomada de decisão.

Através da educação ambiental deve-se desenvolver, mediante uma prática que vincula o educando com a comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento dirigido a transformação superadora dessa realidade, tanto em seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo no educando as habilidades e atitudes necessárias para dita transformação.

Entendem-se assim por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a colectividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Processo em que se busca despertar a preocupação individual e colectiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o engrenamento das questões ambientais e sociais. Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política.

Desde 2003 que o Colégio Valsassina está na rede Eco-Escolas. Procuramos promover um desenvolvimento sustentável baseado em atitudes conscientes em relação ao meio que nos envolve.



A metodologia do programa Eco-Escolas e o facto de estarmos numa rede com cerca de 1500 escolas são os elementos chave para a existência de uma comunidade de aprendizagem em prol de uma educação para o desenvolvimento sustentável.

Entendemos que a cidadania para o século XXI requer uma educação baseada numa ética que reconheça a condição humana de tal forma que os indivíduos sejam controlados pela sociedade onde vivem e este exerça controlo sobre os primeiros. Esta ética não se baseia em lições de moral, mas antes na compreensão que cada pessoa é apenas um elemento de um todo maior: seja a sua espécie, a sociedade onde vive ou o próprio planeta. Um efectivo desenvolvimento humano requer uma autonomia individual, participação comunitária e respeito pelas gerações futuras (Morin, 1999; Gaudiano, 2003; Gadotti, 2008).

Apresentamos um exemplo de um trabalho realizado ao longo deste ano lectivo, pela turma **4ºC** com o professor **Pedro Miranda**, integrado no âmbito do projecto **Escola da Energia**. Este pretende promover nas escolas uma Educação para a Energia, através da abordagem das questões relativas à eficiência energética e mobilidade sustentável, num contexto de procura de soluções que permitam minimizar os impactos das alterações climáticas.

Os alunos discutiram o problema, as suas causas e consequências e dedicaram-se à elaboração de materiais tendo em vista a sensibilização da comunidade escola: uma brochura e etiquetas para serem colocadas junto dos interruptores, contribuindo deste modo para a adopção de comportamentos que valorizem a eficiência energética.

educar para o bilinguismo e para a sustentabilidade

By integrating the energetic and carbonic components, reducing the energetic consumption and consequently reducing the emission levels of atmospheric gases responsible for the greenhouse effect, Colégio Valsassina is on the right path to become a Low Carbon School, a school where environmental responsibilities are part of our daily life, leading to conscious actions.

This way, we are walking towards sustainability, generating not only environmental benefits, but also social and economical. For example, installing solar collectors appropriate for heating water to be used in sports locker rooms can prevent us from sending 2044 kg/annual of CO₂. Also, up until 2006, solar collectors were associated with gas combustion in the gym's boiler. Solar panels produce electrical energy that can be sold to the national electrical network, allowing us to profit from it and apply those earnings on solving social issues.



On the way to a low-carbon schools

The work developed in Colégio Valsassina (Lisbon, Portugal) and Holmegårdsskolen (København SV, Denmark)

'On the way to a low-carbon school' is the name of a project, which intends, at a local level, to combat climate change, and to apply sustainable policies concerning energy and transport. This project is promoted by Colégio Valsassina.

Colégio Valsassina is a school located in a 4-hectare historical country house in Lisbon, built in 1898. The school has now a total student population of about 1400 students from 3 to 18 y.o. all enrolled in the project with their parents, all the school's staff and all the partners - including institutions that work with people with special needs (e.g. CERCI Lisboa).

We prepared and implemented a Carbon Management system linked to the activities of Colégio Valsassina, in order to integrate the various environmental issues where this school has an impact, covered by Climate Change, the most pressing and current environmental threat with economic and social repercussions.

The work developed in Colégio Valsassina aims to create conditions to promote education in sustainable development through:

- Involvement of all students in an integrated way around common goals;
- Promotion of a group of educational experiences developed in various subjects;
- Direct participation of the students organizing the project, practicing some tasks and assessing them;
- Looking for diversified strategies of teaching/learning for the development of critical analysis, research capacity, discussion, evaluation and decision-making skills.

The development of an energy and resource's consumption reducing plan and control of carbon emissions is based on the rational use of the equipment, energy efficient equipments and the use of green energy. This plan is repeated aiming to improve the performance, education and raising awareness of energy issues and climate responsibility in the only legitimate way: through the Voluntary Carbon Management.

The project started in September 2007 and its first phase ends in September 2012. The main goal is to reduce, by at least 10%, the carbon footprint of the institutions involved.

Holmegårdsskolen, a school from København SV (Denmark), is working to achieve the same goal. We shared information with this school through e-twinning. The two schools are working to protect the environment:

Holmegårdsskolen is working to reduce water and energy consumption and Colégio Valsassina is working in order to reduce its carbonic footprint, both are committed to alert the students and their parents to their important roles in ensuring a sustainable future. For example, we installed photovoltaic panels, we promote car pooling and the use of public transportation. Colégio Valsassina is now the only school in Portugal having a detailed knowledge of its footprint, its impact and working to minimize it. By the end of 2009/2010 a 24% reduction was achieved in Colégio Valsassina's carbonic footprint.

Promoting sustainability we hope to stop climate changes and achieve environmental, economical and social benefits. We are all part of the problem and therefore, we're all part of the solution. We can't just sit back and wait for others to solve it.

Beatriz Costeira 12ºA, Carolina Fonseca 9ºB, Margarida Delgado 11º1, Maria Gonçalves 11º1, Mariana Martinho 11º1, Teresa Silveira 11º1.

Young Reporters for the Environment.

Comparison between Colégio Valsassina's and Holmegårdsskolen's information.

The Carbon footprint is the total amount of greenhouse gases produced to directly and indirectly support school (Valsassina) activities, expressed in equivalent tons of carbon dioxide (CO2).

SCHOOL	COLÉGIO VALSASSINA, LISBON, PORTUGAL	HOLMEGÅRDSSKOLEN, KØBENHAVN SV, DENMARK
Number of students (2010/2011)	1277	504
Number of teachers	96	41
Total (students + teachers)	1373	545
School buildings (m2)	11625,56m2	6 656 m2
Electricity kWh/m2	2009: 31,6 kWh/m2 2010: 31,6 kWh/m2	2009: 24 kWh/m2 2010: 23 kWh/m2
Electricity kWh/year/per capita	2009: 249 2010: 249	2009: 293 2010: 280
Water m3/m2	2009: 0,30 m3/m2 2010: 0,5 m3/m2	2009: 0,20 m3/m2 2010: 0,15 m3/m2
Water m3/year/per capita	2009: 2,4 2010: 1,8	2009: 2,4 2010: 2,9
Carbon footprint		
Set. 2006 – Aug. 2007	519 ton CO2e	
Set. 2007 – Aug. 2008	454 ton CO2e	not determined
Set. 2008 – Aug. 2009	474 ton CO2e	
Set. 2009 – Aug. 2010	392 ton CO2e	



educar para a ciência

A utilização de *Daphnia magna* como modelo biológico no estudo da influência de certas drogas de uso comum no ritmo cardíaco



“Beber café estimula...”, “beber uma bebida alcoólica estimula-nos...”, “vou fumar um cigarro para me acalmar...”. Estas são algumas expressões e ideias partilhadas por muitas pessoas. Cafeína, nicotina e álcool são substâncias de uso comum e, por isso, drogas que podem ser consideradas socialmente aceites. Contudo, o seu consumo afecta vários órgãos e sistemas do organismo humano, bem como, de uma forma geral, provocam dependência e tolerância.

De acordo com a revisão de bibliografia, formulámos a hipótese inicial: a nicotina e a cafeína actuam como estimulantes, enquanto o álcool como depressor.

Daphnia magna é um microcrustáceo aquático e devido à sua carapaça transparente, permite a visualização de todos os seus órgãos internos, incluindo o coração. Além disso, é de destacar ainda a sua sensibilidade em relação às condições externas, incluindo as soluções que vão ser estudadas e as respostas que apresentam a essas mesmas soluções.

A modelação biológica ajuda-nos a observar, em tempo real, o modo como certas drogas, consumidas pelo ser humano no dia-a-dia, actuam num organismo vivo. Uma vez que o modelo biológico utilizado evidencia respostas fisiológicas básicas muito semelhantes às do ser humano, estes dados podem fornecer indicadores para a nossa espécie.

Pretendemos estudar o comportamento destes organismos quando sujeitos à acção de certas drogas que podem ter uma influência no batimento cardíaco, de modo a que seja possível prever quais os seus efeitos a um nível organizacional mais elevado, designadamente na espécie humana.

A investigação realizada baseia-se na observação e contagem do número de batimentos cardíacos em *Daphnia magna* aquando da adição de certas drogas (nicotina, álcool e cafeína) por comparação com a substância de controlo (água). Os dados recolhidos foram submetidos a um tratamento estatístico tendo em vista a sua interpretação.

Os resultados obtidos nesta actividade levam-nos a considerar que a cafeína e a nicotina são substâncias estimulantes, enquanto o álcool é uma substância depressora, pelo que podemos considerar que a hipótese inicial foi verificada.

Entendemos assim que este estudo contribui para quebrar alguns mitos associados aos efeitos que estas provocam. Além disso, a realização de investigações como a que apresentamos neste trabalho permite-nos compreender melhor os sistemas biológicos e desenvolver competências de investigação.

O consumo excessivo destas drogas pode provocar outro tipo de consequências, que não foram alvo de estudo no nosso trabalho e que deverão ser alvo de um futuro estudo.

O desenvolvimento do presente estudo fornece um contributo para que, a nível da comunidade escolar, seja possível promover uma Educação para a Saúde associada à promoção do ensino experimental.

“Aprendizagens significativas pressupõem o estabelecimento de interrelações entre o mundo das ciências escolares e o das experiências dos alunos”

Emma Rodrigues

Leonor Pais

Mariana Martinho 11^o

Trabalho apresentado ao 19^o concurso
“Jovens Cientistas e Investigadores 2011”.
Distinguido com uma Menção Honrosa.

Por sua vez, a aplicação do método científico contribui para o desenvolvimento de competências de investigação, de interpretação e de comunicação.

Tal como Veríssimo et al. (2001) devemos identificar e reconhecer a importância de experiências educativas, centradas nos alunos e estimulantes de questionamento reflexivo. Estas devem ter em vista a tomada de consciência da aprendizagem e seu controle, metacognição, o que deverá constituir o propósito do ensino das ciências.

Aprendizagens significativas pressupõem o estabelecimento de inter-relações entre o mundo das ciências escolares e o das experiências dos alunos, traduzidas em (novas) ligações entre aquele mundo e sistemas materiais exteriores à escola que, tornando-se próximos e afins das suas vivências, são susceptíveis de lhes despertarem curiosidade e interesse (Pedrosa, 2001 in Veríssimo et al., 2001)

A educação para a ciência, integrada na perspectiva actual de CTSA (Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente) é de extrema importância, designadamente do ponto de vista cultural e do ponto de vista democrático. Em relação ao primeiro, a ciência constitui um aspecto marcante da nossa cultura, no qual todos os cidadãos devem ter oportunidade e capacidade de apreciar e, como tal, merece um espaço no currículo (Reis, 2006).

Através desta investigação foi possível observar, em tempo real, o que acontece quando certas drogas actuam e de que forma afectam um organismo vivo. Designadamente, verificámos que a hipótese colocada no início do estudo foi confirmada. Esta observação fornece-nos indicadores que contribuem para estabelecer uma relação com os possíveis efeitos das drogas na nossa espécie. Além disso, este estudo contribui para quebrar alguns mitos associados ao consumo de algumas substâncias, as quais, de uma forma geral, são socialmente aceites e com um número de consumidores elevado.

A ciência está relacionada com a compreensão do mundo e da razão pela qual todos os seus elementos (a nível físico, químico e biológico) se comportam e se inter-relacionam. A realização de investigações como a que apresentamos neste trabalho permite-nos compreender melhor os sistemas biológicos.

Vivemos num mundo em mudança, os riscos e as ameaças são cada vez mais incertos. O espírito crítico, o trabalho de equipa, a interdisciplinaridade, o questionar constante e a motivação em querer saber mais assumem-se cada vez mais como elementos fundamentais para dar resposta aos riscos e desafios que o futuro irá apresentar.

SOLUÇÃO EXPERIMENTAL	N	Valor Médio do Número de batimentos por minuto (BPM)	Desvio padrão (BPM)	Máx	Min	Varição dos BPM em relação ao controlo
Água	49	283,31	56,19	384	162	-
Nicotina 30%	21	290,43	65,01	396	84	2,51%
Álcool 5.6%	32	265,66	99,93	408	60	- 6,23%
Álcool 12 %	33	155,46	88,71	282	28	- 45,13%
Álcool 40%	38	146,49	78,17	356	24	- 48,29%
Cafeína 30%	40	310,6	83,64	400	174	9,63%

Batimento cardíaco de *Daphnia magna* quando colocada em diferentes meios.

educar para a ciência e a arte

“Foi muito divertido utilizar vidros e partes de electrodomésticos”.

Maria Carolina, Inês Graça e Duarte Silva

“Achei muito engraçado a ideia de juntar a natureza das tintas naturais com o artificial dos electrodomésticos”. **Ana Sofia Carrasco**

“Os animais estão fantásticos: um lobo; uma vespa-lagostim; um carangatugol (uma mistura de caranguejo, tartaruga e caracol); um cavalo marinho; tartaruguinhas; um sapo e uma cobra”.

Miguel Mira, Maria Carolina, Inês Graça, Duarte Silva, Ana Sofia Carrasco



Carangatugol, da autoria de Inês Graça, Filipa Batista e Carlota Palitos

Criar com a natureza: entre as ciências e as artes

Alunos do 7ºC recriam animais de Bordalo

Cláudia Vaz e João Gomes Professora de Educação Visual. Professor de Ciências Naturais e de Área-Projecto.

Desde a antiguidade clássica que o interesse pela luz e pelas cores tem tido um lugar charneira na reflexão sobre a construção do conhecimento científico. Se com Aristóteles podemos acompanhar a interpretação feita com base na associação a outro fenómeno, o som, na Alta Idade Média assistimos a um percurso conducente à artificialização da primeira gota de água (Theodoric de Freiberg), trazendo a produção das cores do arco-íris para o mundo do laboratório das experiências controladas (Valente & Janeira, 2005).

De igual modo, a cor fascinou o homem desde sempre. As fontes de pigmentos para produzir cor na antiguidade eram, no entanto, limitadas. Nos nossos dias, existem milhares de corantes sintéticos; ao contrário, na antiguidade, o homem tinha à sua disposição algumas poucas dezenas, cujos segredos de aplicação eram cuidadosamente guardados. Da célebre alizarina que foi a fonte de vermelho por excelência, até ao século passado, ao mítico índigo – o “tekhelet” dos Hebreus – o azul muitas vezes que ainda hoje é usado para tingir as calças de ganga (Melo & Claro, 2006).

Seguindo a imaginação, não é difícil de supor que a necessidade e o uso da tinta terão surgido, como gestos para imitar o azul do céu e do mar. Ou o verde de uma floresta. Ou então, numa escala bem mais pequena, o tom do ferro, o vermelho da papoila ou do ocre.

A relação entre Ciência e Arte foi o elemento central do desafio que foi colocado ao alunos da **turma C do 7º ano**, num projecto que envolveu as disciplinas de Área de Projecto, Educação Visual e Ciências Naturais.

Consideramos que a ciência, com uma estrutura dinâmica, em permanente evolução, foi sempre acompanhada pelo trabalho experimental nessa evolução, pois este constitui o fulcro de qualquer ciência experimental. Sendo assim, a compreensão da ciência exige a compreensão da construção da ciência e a construção da ciência exige, por sua vez, a realização de trabalho experimental investigativo. Por outro lado, o trabalho experimental, como trabalho de investigação que é, permite a aquisição de competências de várias ordens e de nível elevado. Leslie Trowbridge & Rodger Bybee (1990) *in* (Valadares, 2006), fazem uma classificação das capacidades desenvolvidas com o trabalho experimental, dividindo-as em 5:

- Capacidades aquisitivas;
- Capacidades organizacionais;
- Capacidades criativas;
- Capacidades manipulativas;
- Capacidades de comunicação.

Estas cinco capacidades constituíram os vectores de todo o trabalho desenvolvido ao longo deste projecto.

O desafio... Tudo começou com uma situação-problema: “Que cores podemos extrair da natureza?”

Perante este desafio, os alunos dedicaram-se a pesquisas: em livros, na internet, contactaram certas instituições (e.g. Faculdade de Ciências; Centros de Ciência Viva e Jardim Botânico).

Foi possível descobrir quais os materiais a utilizar. Para surpresa de alguns alunos, muitos desses elementos são bem conhecidos: Morangos, limões, laranjas, folhas, etc.

Sendo a Ciência um processo de construção de conhecimento, desde logo surgiu uma nova questão: “Qual é a substância responsável pela cor de cada um desses elementos? Palavras como: clorofila, antocianinas, carotenóides, começaram a ser familiares...

Como fazer? Seguiu-se novo desafio: “Como extrair os pigmentos?”. Autonomia e organização. Estes foram os dois elementos em destaque... todos os alunos compreenderam a necessidade de tomar decisões e de se organizar: o que extrair, como fazer, quais os materiais a usar, que técnicas são necessárias, como conservar o pigmento extraído...

Mãos à obra... era preciso extrair os pigmentos. No laboratório de ciências ou em casa, em grupo ou com o apoio dos pais, foi possível arranjar as tintas necessárias à etapa seguinte.

De referir que este projecto contribuiu não só para o desenvolvimento de várias competências, bem como permitiu a transferência de conteúdos, entre diferentes áreas do saber. Por exemplo: foi muito interessante observar o entusiasmo dos alunos ao descobrir a escala de pH: o líquido de cor violeta extraído da couve-rouxa, passou para vermelho/rosa, quando se juntou sumo de limão (um ácido); ou para azul/verde depois de adicionar bicarbonato de sódio (uma base).

Liberdade para imaginar e criar... O jardim Bordalo Pinheiro resulta de um projecto de Joana Vasconcelos segundo ideia de Catarina Portas instalado no jardim do Museu da Cidade. Animais em cerâmica com diferentes tamanhos reinterpretados a partir dos moldes originais de Bordalo Pinheiro foram encenados e integrados neste espaço: o de um jardim de um museu da nossa cidade que se revelou a sintonia perfeita para a posterior criação de composições visuais com os alunos, constituídas por formas de animais pintadas com cores de tintas naturais.

Os alunos reuniram o material necessário e mãos à obra: garrafas de vidro de várias cores (azul, verde e transparente), rolas de cortiça, restos de embalagens e elementos extraídos de diversos objectos para reciclagem que o Colégio tem vindo a recolher (no âmbito do projecto Geração Depositário): máquinas de café, ferros de engomar, fios de candeeiros e de telefones, teclados de computador, ventoinhas de arrefecimento.

Numa relação quotidiana com o espaço – quinta do Colégio procederam a recolha de folhas de árvore (eucalipto, pinheiro bravo e oliveira). A partir de casa: outras folhas, frutos e flores, encantaram os seus sentidos, trazendo-as para o laboratório de Ciências e posteriormente para a aula de Educação Visual já sob a forma de tintas orgânicas.

Dando asas à imaginação iniciou-se o processo criativo, sob a forma de projecto colectivo, após uma primeira fase preparatória e de projecto em que os alunos efectuaram uma pesquisa e análise das imagens tiradas no “Jardim Bordalo Pinheiro” de diversos animais. Num primeiro momento os alunos pintaram em folhas de papel com as tintas orgânicas por eles criadas. Todo este processo obedeceu a uma lógica de recolha, produção, selecção e partilha dos resultados obtidos pelos diversos alunos da turma. Seguidamente iniciou-se um processo de colagem (assemblage).

Comunicar... Um dia na escola

Quisemos trazer o “Jardim de Bordalo” para o nosso Colégio, para que no dia da escola todos pudessem partilhar deste jardim, agora reinterpretado por uma nova visão, a do olhar atento, criativo e descomprometido dos alunos do 7º C.

Numa atmosfera efabulatória de cheiros e memórias de infância, criou-se um painel de grandes dimensões, onde: dança, no mar, um cavalo-marinho com cor de groselha e frutos do bosque; um lobo de folhas de eucalipto namora uma árvore casca de eucalipto; tartarugas nadam com carapaças de vidros sobre amarelo de limão; move-se uma cobra com pele de vidro e escamas de computador; um sapo feito de placas mãe verdes de computador desloca-se por entre, limão e castanho casca de cebola, uma vespa “UHU” com patas de sapateira (que o aluno fez questão de comer para trazer a carapaça) voa num céu de couve rocha, uma tartaruga/caranguejo por entre fios eléctricos de cores, vermelho/rosa de frutos silvestres e vidros multicolores.

A ciência e a arte podem e devem andar a par e passo. Tal como na investigação científica, também o processo criativo vive da experimentação e da imaginação para conseguir alcançar algo de inovador para além do conhecimento.

A autonomia, cooperação e constante troca de informação/participação nestas faixas etárias iniciais são fundamentais na promoção de uma consciência global para as questões relacionadas com o ambiente, a ciência, a arte e a cultura.

Parabéns aos alunos pelo seu empenho, capacidade de autonomia e de entendimento de que o processo científico e o processo criativo tem muito a beneficiar um com o outro.

educar para as artes

Experiências reais

Projecto de design de produto

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais



Peça cerâmica em chacota pintada por Beatriz Palma

Na disciplina de Materiais e Tecnologias do **12º ano do Curso de Artes**, os alunos tiveram a possibilidade de desenvolver um projecto que, para além de toda a sua componente teórico/prática, lhes possibilitou a aquisição de competências práticas na selecção de materiais e tecnologias e entender a sua relação no processo de design.

A participação dos alunos em projectos práticos permite-lhes alcançar a compreensão da tecnologia através da aplicação de princípios teóricos, em situações idênticas às da vida real.

Na escola, a arte não deve estar limitada ao tempo de duração de uma disciplina, nem deve ser encarada como tempo “roubado” às restantes disciplinas que contam para a média, tão importante para o acesso do aluno ao Ensino Superior. Muito menos a de ter uma função complementar na formação geral do aluno.

A arte contribui para o desenvolvimento cognitivo, porque trabalha interagindo com todas as disciplinas. Propicia o desenvolvimento emocional, fazendo do aluno, um ser único, valioso e independente. Contribui para o desenvolvimento crítico no indivíduo, oferece outros meios de se fazer leitura, seja pela postura, seja através das cores ou ainda pelas formas.

O ensino da criatividade na sala de aula deve ter como base os princípios da educação construtiva, cooperativa e significativa; deve incentivar a estimulação do pensamento imaginativo; procurar procedimentos inéditos, conduzindo a novas metas e a espaços desconhecidos; recorrer a conhecimentos de diversos domínios, pois a expressão criativa é interdisciplinar.

Desde cedo os jovens devem ser habituados não só a saber, mas essencialmente a ver e a saber fazer, tomando contacto com a realidade, bem como a desenvolver o gosto pela descoberta. Assim, devemos caminhar, cada vez mais, para um ensino verdadeiramente artístico e criativo das artes.

No nosso país nem sempre se encaram as artes como pilares essenciais para o desenvolvimento da criatividade, mesmo sabendo que são as artes os primeiros e os últimos sustentáculos do espírito criativo.

Vera Vaz Pintura de peça cerâmica vidrada

Maria Teresa Albino Pintura de peça cerâmica vidrada





Francisco Santos Pintura de peça cerâmica vidrada
Beatriz Santos Pintura de peça cerâmica vidrada
Rita Gaspar Pintura de peça em chacota
Marta Monteiro Pintura de peça em chacota
Maria Carreira Pintura de peça em chacota



educar para as artes

Casa das Histórias Paula Rego Projecto Anual de Escolas

Cláudia Vaz Professora de Área de Projecto

“No dia 29 de Maio, estudantes, professores e pais juntaram-se para observar a arte representada nas suas diversas formas. Por entre Caixas de Histórias, Peep Shows e Danças houve um convívio fantástico cheio de explorações. Foi um dia repleto de surpresas e calor, uma nova visão do mundo!” **Maria Teresa Albino**



Caixa “O Sotão da Avó”

“Foi um dia bem passado com várias actividades interessantes, nomeadamente a criação do painel “Cadavre Exquis”. Foi uma honra para mim “expor” no Museu da Casa das Histórias da Paula Rego e ter feito parte deste projecto.” **Vera Vaz**

Após o convite lançado, no início deste ano lectivo, pela Casa das Histórias Paula Rego ao Colégio Valsassina, iniciou-se um projecto conjunto entre o Colégio, o museu e diversas escolas do concelho de Cascais. Este projecto decorreu com a turma **12º4 de Artes**, sob orientação da professora **Cláudia Vaz** na disciplina de Área de Projecto e com a colaboração das professoras **Mafalda Simas** (Oficina de Artes) e **Marina Fernandes** (Português). O processo de colaboração do colégio com o museu Casa das Histórias Paula Rego (CHPR) culminou numa exposição no museu, dos alunos envolvidos no projecto, no dia 29 de Maio – “Dia Projecto Anual de Escolas”.

Integrada no projecto decorreu também no jardim do museu uma performance de dança clássica protagonizada pela aluna **Beatriz Picciochi**, com a colaboração da professora de Dança **Margarida Calais**.

Na exposição foram apresentadas obras realizadas pelos alunos ao longo do ano lectivo, após um longo processo de trabalho teórico/prático que envolveu várias reuniões com o museu, visitas guiadas, seminários e *workshops* quer com alunos quer com professores.

Dando largas à imaginação e criatividade construíram caixas – “livros objecto”, baseados no conceito de livro de artista; nas vanguardas artísticas; na obra de Duchamp (Boites en Valise), na obra de Andy Warhol e na obra de artistas portugueses que se destacaram na cena artística a partir dos anos 70, alguns dos quais expostos na exposição “Anos 70 atravessar fronteiras” patente no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2009 (Lurdes Castro, Helena Almeida, António Areal, Ana Harteley, Ana Vidigal entre outros) e mais recentemente Joana Vasconcelos.

Os alunos exploraram a sua identidade (retrato), memórias de infância, de objectos, e de vivências. Inspiraram-se em personagens das obras de Paula Rego, em contos populares portugueses e britânicos e ainda em obras de artistas, como a fotógrafa britânica Madame Yevonde, Jake and Dinos Chapman e Grayson Perry (vencedor do Prémio Turner em 2003), patentes na exposição intitulada My Choice/ Obras Seleccionadas por Paula Rego na Colecção do British Council e exibidas na CHPR. A colecção de arte do British Council é uma das mais destacadas colecções de arte britânica dos séculos XX e XXI.

Sob o título “Caixas das Histórias” a(s) obra(s) apresentadas constituem-se como uma obra colectiva, em que um dos elos condutores entre as “caixas” é um conto criado pelos alunos e dividido em dez parágrafos um para cada caixa. Percorrendo as caixas completa-se o conto e a história pessoal de cada aluno é desvendada. Foi ainda realizado pelo museu um filme, mostrando a evolução do processo criativo dos alunos no espaço de aula e que nos foi oferecido pelo museu. O seu visionamento decorreu no auditório do museu no dia da exposição e foi aclamado por todos. **Obrigada à Casa das Histórias, à sua directora Dr.ª Helena de Freitas, e a toda a sua equipa educativa que esteve sempre disponível (sob a coordenação de Sara Barriga e Adriana Pardal), à Direcção do Colégio Valsassina assim como às colegas do projecto (Mafalda Simas e Marina Fernandes) e a todos aqueles que o tornaram possível. Parabéns alunos! Valeu a pena.**



“Um dia que foi o culminar do projecto de um ano, que nos fez crescer, ser mais autónomos e responsáveis e ter uma maior noção de nós próprios e dos outros, em que podemos finalmente partilhar o nosso esforço com quem compreende que ser artista não é uma brincadeira. Foi compensador aperceber-me que há quem se interesse e valorize o nosso trabalho.” **Leonor Santos**

“Naquele dia, naquela casa, naquelas pessoas e em nós, acima de tudo, ficamos com certeza muitas e variadas emoções. Um dia que seria apenas o culminar de um longo e trabalhoso projecto, conseguiu tornar-se bem mais do que isso: uma concentração de criatividade surpreendente, proveniente de sítios completamente diferentes, permitiu uma união entre dezenas de desconhecidos. Uma casa pode agora enriquecer a sua colecção com mais uma história, sem dúvida original e marcante. Pessoas que, através de diferentes olhos e interpretações, levaram consigo cada um à sua maneira um bocadinho de nós. Para nós foi uma experiência importante que deixou um “cheirinho” de um futuro ligado às artes que temos, nesta fase da nossa vida, oportunidade de agarrar.” **Rita Gaspar**



“Gostei muito das ideias diferentes de cada aluno. Acho que foi um projecto bom para apresentar os trabalhos dos alunos. A Paula Rego é uma artista muito interessante que vale a pena conhecer, acho que irá gostar dos trabalhos dos alunos. Esteve uma atmosfera simpática”
Sophie Fijal Aluna alemã integrada na turma



Painel a 10 mãos "Cadavre Exquis"

Bailarina Beatriz Picciochi
Performance de dança clássica

Beatriz Palma
Caixa "Andy Fuinha"

educar para as artes e cidadania

Entre(ter)...

Um instante (entre)tido. **Rita Gaspar** 12º4



“Qualquer um pode tirar uma boa fotografia” foi o lema que conduziu o concurso de fotografia Entre(ter). No âmbito da disciplina de Área de Projecto do 12º Ano, e incluído num projecto social, acerca dos sem abrigo, que desenvolvemos ao longo do ano, organizámos um concurso de fotografia, em parceria com a Associação de Estudantes, destinado a toda a comunidade escolar: alunos, familiares, professores, funcionários. O objectivo: angariar fundos para uma das instituições com que contactámos directamente, a AMI. O prémio: um curso de fotografia da MilCores.

A fotografia vencedora, da autoria de **Rita Gaspar**, aluna do 12.º ano, tem como título “Um instante (entre)tido”. Uma exposição com todas as fotografias e um “book” com as fotografias mais pontuadas pelo júri são a etapa final deste projecto.

Marta Pessoa e Costa, Sofia Cavaco e Beatriz Costeira 12º1

“Entreter pode ter várias interpretações”. **Teresa Albino** 12º4



“KÊ LI KÊ LÁ” **Filipa Reis** Encarregada de educação



educar para o futuro

A área-projecto no 12º Ano (Curso de Ciências e Tecnologias)

Dulce Sanches Professora de Área de Projecto e de Física e Química

A disciplina de Área-Projecto no 12º ano tem como principais objectivos:

- Promover a orientação escolar e profissional dos alunos, relacionando os projectos desenvolvidos com os seus contextos de trabalho e saídas profissionais;
- Desenvolver atitudes de responsabilização pessoal e social dos alunos na construção dos percursos académicos e profissionais e os seus projectos de vida;
- Desenvolver competências de trabalho em equipa, essenciais na sociedade contemporânea.

Na turma 12º 1 o ano lectivo 2010/2011 foi rico em ideias e projectos que abrangeram uma grande diversidade de temas...

... O **André e as Marianas** envolveram-se de corpo e alma em campanhas de solidariedade... organizaram uma campanha de recolha de alimentos em colaboração com o Banco Alimentar Contra a Fome... Juntamente com a Paróquia do Campo Grande levaram a cabo a recolha de livros para Timor e estão neste momento a angariar fundos que ajudem a financiar a Missão 2011 em Moçambique...



A **Beatriz, a Marta e a Sofia** também se dedicaram à solidariedade... conhecendo como se trabalha na Comunidade Vida e Paz (onde ajudaram a preparar as refeições que são distribuídas aos sem-abrigo)... explorando uma Lisboa esquecida que é a das pessoas que vive na rua e organizando um concurso de fotografia com a finalidade de angariar fundos para a AMI...

... A **Marta, o João e o Filipe** quiseram perceber qual o papel que as actividades extra-curriculares têm na formação dos alunos do colégio...

... O **Bruno, a Catarina e o Ricardo** conceberam uma revista de divulgação científica inspirada na National Geographic...

... A **Adriana, o Nuno, a Jessica e o Valentim** acharam que o piso dos laboratórios precisava de uma remodelação e assim nasceu o projecto (Re)Laborate...

... A **Maria, a Iara e a Noemi** conceberam uma clínica de fisioterapia de raiz...

... O **Manuel, o Marcelo e o Pedro** quiseram perceber que leis da Física sustentavam a construção de alguns dos edifícios mais “mirabolantes” do mundo...

– O **Guilherme, o André e o Diogo** dedicaram-se à Robótica e com a ajuda do Dr. Carlos Amaro construíram um robot...

– A **Raquel, o André e o Francisco** planearam a construção de uma casa eco-eficiente...

Como trabalham os alunos nesta disciplina?...

... Com muito optimismo...

(“Stora, o nosso projecto vai ser o melhor de sempre...!”)...

... Com muita alegria...

(“Stora, stora, o ... está a escolher as músicas para a nossa apresentação e está a cantar...!”)...

... Contra o relógio... (“Stora, falta um mês?! Só se não dormir!”)...

... Apropriando-se da mesa da professora... (“Stora... a nossa maquete ocupa espaço...”)...

... Jurando muitas vezes pela vida... (“Stora... eu juro que fui directamente da sala de aula para a Biblioteca”)...

Como reage a professora?

... Com muita paciência... com muito *fair-play*... responsabilizando os alunos... orientando sem interferir nas decisões que cada grupo toma e às vezes colocando literalmente as mãos na massa!



educar para a história e património

História ao vivo

Professores de História do 2º Ciclo

Viver e sentir a história...

Foi este o ponto de partida para uma aula de História ao vivo a bordo da Caravela Vera Cruz, réplica de uma caravela quinhentista usada na época dos Descobrimentos.

Através desta visita, os alunos do 5º Ano tiveram a oportunidade de realizarem uma viagem ao passado, permitindo-lhes compreender e dominar melhor as matérias relacionadas com a expansão Portuguesa durante o século XV, designadamente:

- Vida a bordo e evolução do Navio.
- Instrumentos náuticos do século XV, uso da bússola, quadrante e astrolábio.
- Mostra de diversos tipos de especiarias.
- Mostra dos produtos provenientes de África, Índia e Brasil.
- O Império Português, desde o reinado de D. Manuel I até ao reinado de D. Sebastião, através de uma pequena encenação em que os alunos participam.
- Vasco da Gama e Álvares Cabral, através de uma exposição na Caravela.

A forte componente prática desta visita ofereceu uma dinâmica que doutra forma não seria conseguida em contexto de sala de aula.

Ao poder ver, tocar, ouvir, sentir e participar, os alunos têm um contacto directo e real com as temáticas e matérias aprendidas, e dificilmente esquecerão a experiência.



educar para a qualidade e excelência

Quadro de Honra 2º P 2010 | 2011

5º ANO		
3710	Gonçalo Caldeira Espinha Pinheiro Castela	5º A
3788	Miguel Pinto Correia Cardoso e Cunha	5º A
4270	Alexandra Ribeiro Verdasca	5º B
3697	Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha	5º C
3703	Carolina Viegas Dias Gomes	5º C
3726	Marta de Oliveira M. Pugsley Inocêncio	5º C
3732	Teresa Maria Moura Coutinho Soromenho	5º C
3840	Sara de Azevedo Coelho Cardoso Martins	5º C
4273	Guilherme Metelo Rita de Almeida	5º C
4291	Francisco Henriques B. Severino Alves	5º C
4657	Catarina Simões Pinto de Miranda	5º D
4970	Afonso Morgado Mota	5º D
6º ANO		
3603	Maria Francisca Morgado Alves	6º A
4702	Beatriz da Cruz G. Rodrigues Gaspar	6º A
3579	Joana Lima Grilo Fernandes da Silva	6º B
4696	Ana Rita Landeiro Filipe Sousa	6º B
3869	Ana Machado Luís	6º C
3941	Maria Inês Feliz Barreiros Gama	6º C
3946	Rita Teixeira Henriques de Miranda	6º C
3586	Sofia Matias Coimbra Martins	6º D
4690	Inês Alves Matias	6º D
4706	Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia	6º D
4822	Mónica Vargas Harris	6º D
7º ANO		
3376	Mariana S. Espada Venâncio Carrasco	7º A
3393	Mafalda Viegas Dias Gomes	7º A
3922	Miguel Micaelo Bengala	7º A
3747	Maria Francisca Telles Freitas Xara-Brasil	7º B
3751	Rita Lopes da Costa Marques Pinto	7º B
3875	Marta Filipa Velosa Zambujal Oliveira	7º B
3359	Duarte José Rodrigues Mendes da Silva	7º C
4672	Ulisses Miguel Ribeiro Santos Ferreira	7º C
4567	Sofia Vassangi Hemrage	7º D
4629	Marta Almeida Martins	7º D
4569	Maria Soares de Almeida	7º E
4573	Maria Leonor Palminha Alves	7º E
4633	Beatriz Ribeiro da Cruz Costa Félix	7º E
8º ANO		
3195	Maria Inês Bispo David	8º A
3800	Inês de Valsassina Teodósio Palma Felizardo	8º B
5035	Ana Alexandra Carvalho Reis	8º B
3538	Maria Lua Almeida Pinto de Palma Carreira	8º C
4344	Inês Carola Cavaco	8º D
9º ANO		
339	Gonçalo Lopes Martins e Pereira	9º A
3398	Diogo Filipe Pereira Fontes Fernandes Silva	9º B
3410	Carolina Madeira Fonseca	9º B
386	Patrícia Bidarra Figueiredo Cravo do Nascimento	9º C
3808	Filipa Ribeiro Verdasca	9º C
4173	Laura Lapa Marques da Costa	9º D

10º ANO		
3499	Filipa Veríssimo Choon	10º 2
3996	Inês Torre Estorninho	10º 4
11º ANO		
966	Diogo Tomáz Cardoso Rezio Martins	11º 1
3854	Mariana Inocência Martinho	11º 1
1006	José António Gomes Sousa Pereira	11º 2
12º ANO		
395	André Bidarra Figueiredo C. Nascimento	12º 1
457	Ricardo Miguel Baião Nogueira Pedro	12º 1
3756	Ana Sofia Carola Cavaco	12º 1
4136	Marta Maria Magalhães da Silva	12º 1
4469	Ana Beatriz R. Pereira A. Costeira	12º 1
3764	Frederico Oliveira Toulson	12º 2
3766	Joana Lopes da Silva Reis	12º 2
3773	Mariana Isabel Neves Marques	12º 2
850	Rita Horta Correia Gaspar	12º 4
1213	Vera Calhau Martins Vaz	12º 4
3813	Francisco João Martins dos Santos	12º 4
3832	Marta Oliveira Mendes Varela Monteiro	12º 4

Medalha de Bronze nas XXIX Olimpíadas Portuguesas de Matemática

O aluno **Frederico Oliveira Toulson 12º2** obteve uma medalha de bronze, na Final Nacional das XXIX Olimpíadas Portuguesas de Matemática que se realizaram entre 7 e 10 de Abril na Escola Secundária Carlos Amarante (Braga).

Aluna na Final Nacional do Concurso Nacional de Leitura

No dia 14 de Maio teve lugar, em Lisboa, a Final do Concurso Nacional de Leitura 2011 na qual participaram 72 finalistas provenientes de todo país. Estes finalistas foram inicialmente apurados de entre cerca de 20.000 candidatos oriundos de centenas de escolas do 3º Ciclo e do Secundário. O Colégio Valsassina esteve representado pela aluna **Sofia Hemrage** do 7º ano, turma D, que simultaneamente representou o Distrito de Lisboa.



Menção Honrosa no 19º Concurso Jovens Cientistas e Investigadores

O Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores é desenvolvido, em Portugal, pela Fundação da Juventude desde 1992, tendo por objectivos promover os ideais da cooperação e do intercâmbio entre jovens cientistas e investigadores e estimular o aparecimento de jovens talentos nas áreas da Ciência, Tecnologia, Investigação e Inovação. De âmbito nacional, o Concurso pretende incentivar um salutar espírito competitivo nos jovens, através da realização de projectos/trabalhos científicos inovadores, integrados em processos educativos regulares. Destina-se a premiar projectos científicos realizados por alunos do Ensino Básico, Secundário, e 1º Ano do Ensino Superior, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos.

O Colégio Valsassina esteve representado com o projecto “A utilização de *Daphnia magna* como modelo biológico no estudo da influência de certas drogas de uso comum no ritmo cardíaco”, da responsabilidade de **Emma Rodrigues, Leonor Pais e Mariana Martinho**, alunas da turma 11º1 (Curso de Ciência e Tecnologias). Entre 26 e 28 de Maio realizou-se, no Museu da Electricidade, a final nacional que coincidiu com a V Mostra Nacional de Ciência. Os 103 projectos seleccionados para a final foram avaliados por um júri que atribuiu uma Menção Honrosa ao projecto do Colégio.

Olimpíadas da Biotecnologia

As Olimpíadas da Biotecnologia são uma iniciativa da Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica Portuguesa, que tem com principais objectivos promover: o conhecimento e o interesse pela temática da Biotecnologia nas suas múltiplas vertentes; a utilização do método científico na resolução de problemas; o interesse dos alunos em actividades realizadas fora da sua comunidade escolar. Na edição de 2010/2011, cinco alunas do Colégio Valsassina (**Beatriz Costeira 12º1; Madalena Costa 11º1; Margarida Delgado, 11º1; Sofia Cavaco, 12º1; Teresa Douwens, 11º1**) foram apuradas para a Final Nacional, que se realizou no passado dia 13 de Maio. Entre 50 finalistas, o Colégio obteve o 16ª lugar com os seus alunos.

Colégio em acção **Semana Verde 2011**



A Educação Ambiental pode ser definida como um processo permanente no qual os indivíduos e as comunidades adquirem consciência do seu meio e aprendem os conhecimentos, os valores, as competências, a experiência e também a determinação que os capacitará para actuar, individual ou colectivamente, na resolução dos problemas ambientais presentes e futuros. Da definição de educação ambiental ressaltam o seu carácter holístico e a importância do desenvolvimento cumulativo e simultâneo de capacidades cognitivas e sócio-afectivas no estabelecimento de uma nova relação com o ambiente. Com base nestes princípios e ideais organizámos, entre 27 de Abril e 6 de Maio, mais uma edição da Semana Verde Valsassina.

Ateliers de alunos para alunos, laboratórios de portas abertas, campanhas de sensibilização, exposições, mini-olimpíadas do ambiente, uma reunião do conselho Eco-Escolas, foram algumas das actividades realizadas.

Participação na 4ª edição de “Os Dias do Desenvolvimento”

Realizou-se nos dias 5 e 6 de Maio de 2011, no Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, no Pólo Universitário da Ajuda, em Lisboa, a 4ª edição de “Os Dias do Desenvolvimento”, subordinado ao tema “Os Desafios do Desenvolvimento”.

A 4ª Edição de “Os Dias do Desenvolvimento” teve como objectivos:

- Contribuir através do debate para a reflexão e aprofundamento dos temas específicos;
- Reforço de redes profissionais e sectoriais do desenvolvimento;
- Contribuir para a sensibilização da opinião pública e dos decisores para a necessidade de cumprimento das metas a que Portugal se comprometeu no quadro dos compromissos para 2015 dos Objectivos do Milénio.

O Colégio Valsassina pelo seu projecto educativo e trabalho desenvolvido esteve presente, pelo terceiro ano consecutivo, em mais esta edição de “Os Dias do Desenvolvimento”. O trabalho desenvolvido no âmbito do projecto ecoValsassina foi o elemento central da mostra apresentada no stand do Colégio Valsassina.



Colégio em acção **Semana da informática 2011** **Celebrando uma Ciência que mudou as nossas vidas**

José Rainho Professor de informática e de ITIC



Actualmente, vivemos numa sociedade de consumo, i.e., uma sociedade caracterizada pela extrema variedade. Não vale a pena discorrer longamente acerca de um facto incontornável: a Informática mudou mesmo as nossas vidas. Desde a facilidade com que obtemos informação até à utilidade do computador como ferramenta de trabalho e de entretenimento, a verdade é que é quase inconcebível para nós uma vida sem Informática.

Para celebrar esta Ciência, organizámos mais uma vez a Semana Informática. Decorreu no início do mês de Maio e, como sempre, incluiu actividades e concursos interessantes e variados.

Os alunos do 5º e 6º Anos foram surpreendidos nas aulas de ITIC por um grupo de teatro que levou a cabo uma pequena actividade para nos fazer pensar e conversar um pouco sobre os perigos que corremos quando disponibilizamos informação pessoal na Internet. Por entre envelopes voadores e mensagens de telemóvel, os alunos ficaram também a saber que cuidados devem ter com os seus emails e com os concursos e passatempos em que participam na Internet.

Os alunos do 9º Ano produziram vídeos utilizando ferramentas gratuitas e open-source como o Audacity para tratamento de áudio e o Windows Live Movie Maker para montagem de vídeo. Os melhores vídeos foram depois colocados em votação na plataforma DokEOS. Foi uma competição muito renhida, mas as vencedoras acabaram por ser a **Sarika Sattar** e a **Eva Rodrigues**, da turma **9º B**.

A turma do curso de Ciências e Tecnologias do 12º Ano assistiu a uma palestra sobre o funcionamento da Internet ministrada pelo Professor Rui Valadas, do Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores e actual coordenador da Licenciatura em Engenharia de Redes, Computadores e Internet.

Como já vem sendo habitual, voltámos a organizar a Caça ao Tesouro, em que os alunos tinham de resolver dez enigmas em sequência, através de um conjunto de páginas Web, para conseguirem chegar ao último nível e ganhar o jogo. Registámos quase 600 participações, e os vencedores foram:

- 1º Lugar – **Frederico Toulson 12º 2**
- 2º Lugar – **Tomás Carreira 9º A**
- 3º Lugar – **Inês Lopes 10º 2**

Terminaram também o jogo os alunos seguintes: **João Crespo 9ºC**, **Vasco Diogo 9ºC** **António Passanha 9ºC**, **Maria Almeida 7ºE**, **Rita Miranda 6ºC**, **Maria Inês Gama 6ºC** e **Marta Inocência 5ºC**.

A entrega dos prémios foi no dia 9 de Maio, no Auditório do Colégio.

Obrigado a todos pela participação. Até para o ano!

Um dia na escola

O dia 4 de Junho foi a data escolhida para a Festa do Colégio Valsassina. É já uma tradição, “Um Dia na Escola”... Um dia de convívio, com muitas actividades culturais e desportivas, em que participaram actuais e antigos alunos, professores, funcionários, pais e restante família.

Exposições, motricidade infantil, torneios de xadrez, futebol e ténis, apresentações de poemas, de dança, representação de peças de teatro, uma caça ao tesouro... Foram apenas algumas das actividades apresentadas neste dia.

Exposição de trabalhos de todas as disciplinas
(1º Ciclo ao Secundário)

Motricidade infantil
(Jardim de Infância e 1º Ciclo)

Apresentação de canções em Inglês (1º Ciclo)

Em campo... Pais e filhos.





O piquenique é por tradição um dos momentos de maior partilha e convívio. Desta vez, os alunos surpreenderam as suas famílias e professores com um Flash Mob. A adesão foi enorme...

Ballet, extracurricular

“ ... é preciso criar na escola as condições que permitam aos alunos divertirem-se com a aprendizagem, com o crescimento, com a própria vida.”

Tal Bem-Shahar, autor do livro “Aprenda a ser mais feliz”



Ser feliz...

Ser aluno Valsassina... é ter em conta que cada indivíduo é único porque nele se combina um legado genético com um legado social que inclui a educação transmitida pela família, a educação que recebe na escola e todos os contributos que a vida na sociedade lhe oferece.

Os alunos do 7º ano apresentaram a peça “Tom Sawyer”

Aconteceu

Aula Aberta 5B

Na manhã de dia 30 de Março, os pais da sala da Inês, 5 anos, vieram ao Colégio realizar algumas actividades com os filhos. Foram até ao jardim, onde os meninos recitaram uma poesia e cantaram duas músicas sobre a Primavera. Na aula, fizeram um painel sobre a Primavera, com têmperas, construções em plasticina com o mesmo tema e ainda tiveram uma aula de Expressão Musical com a professora Isabel Vasconcelos. Foi uma manhã recheada de boa disposição, alegria e entusiasmo!

Workshop para turmas de Artes

No âmbito da disciplina de Desenho A os alunos do 10º e 12º Ano, realizaram no passado dia 27 de Abril, um *workshop* no Colégio, sobre o tema o Diário Gráfico. A professora convidada Margarida Boto, após breve apresentação do tema onde mostrou algum do seu trabalho, propôs aos alunos exercícios de criatividade, onde a colagem e o desenho se complementaram.

“A técnica da colagem é uma solução à mão. Os resultados satisfazem e o desenho vem depois.” Margarida Boto

Encontro do 5ºA/D com a escritora Luísa Fortes da Cunha

No dia 2 de Maio as turmas 5ºA e 5ºD encontraram-se com a escritora Luísa Fortes da Cunha no Centro de Recursos Educativos do Colégio.

Esta autora visita todos os anos lectivos o Colégio Valsassina apresentando os seus livros da Colecção de aventuras da «Teodora» que conta já com 13 títulos. Desta forma os alunos tiveram oportunidade de conhecer a autora e conhecer alguns dos mistérios e das aventuras que os livros da autora apresentam

Maria João Lopo de Carvalho visita o Colégio

No dia 12 de Maio, a escritora Maria João Lopo de Carvalho, autora dos livros da Coleção 7 Irmãos, esteve numa sessão com os alunos das turmas 5ºB e 5ºC no Centro de Recursos Educativos.

Encontro com a escritora Mafalda Moutinho

No dia 16 de Maio, a escritora Mafalda Moutinho visitou mais uma vez o Colégio para apresentar o seu último livro da Colecção Os Primos “O Símbolo da Profecia Maia”.

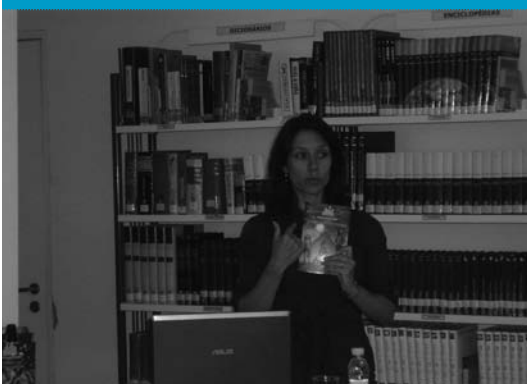
A sessão contou com a presença do 6ºC e 6º D..

Exposição 10º 4

Os trabalhos realizados pelos alunos da turma 10º4 estiveram em exposição no átrio do liceu, de 15 a 23 de Maio. A exposição intitulada “Formas Naturais, Formas Artificiais” teve como conteúdo principal o desenho de observação.

Almoço da Associação de Antigos Alunos do Valsassina

A Associação dos Antigos Alunos do Valsassina realizou um almoço no dia 21 de Maio, no Colégio Valsassina. Foi uma oportunidade para rever colegas que ao longo de várias gerações passaram pelo Colégio, assim como para voltar a estar com alguns professores.





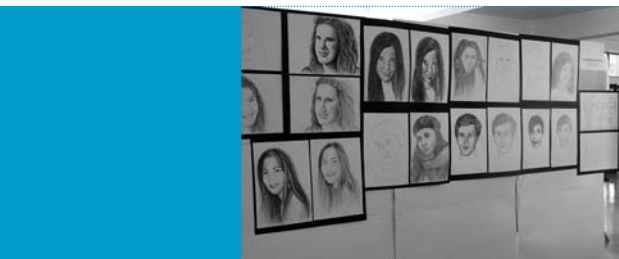
Escritora Maria Teresa Maia Gonzalez visita o Colégio

A escritora Maria Teresa Maia Gonzalez visitou o Colégio Valsassina, pela terceira vez, no dia 20 de Maio, para a realização de um encontro com as turmas 7ºB e 7ºD.

Neste encontro, os alunos puderam colocar as suas questões acerca dos muitos livros da escritora, do processo de escrita de um livro e também apresentar as suas apreciações críticas dos livros da autora que já leram.

A autora, pela partilha de experiências e ensinamentos, bem como pelos conselhos deixados, certamente marcou o dia escolar dos alunos participantes.

Dois alunos apresentaram um poema da autora em RAP que muito animou a assistência.



“Auto-Retratos e não só” - 12ºA

Alguns dos trabalhos realizados pelos alunos do 12º do curso de Artes estiveram em exposição do átrio do liceu, na última quinzena do mês de Maio.

A exposição intitulada “Auto-Retratos e não só”, contou com trabalhos realizados ao longo do presente ano lectivo, abordando as várias unidades de trabalho desenvolvidas. Do desenho expressivo ao desenho analítico passando pelo desenho de transformação, na recriação da obra “as Meninas de Velasquez”.

Jantar de Finalistas

Realizou-se no passado dia 27 de Maio o tradicional Jantar de Finalistas do Colégio Valsassina. Foi um momento de alegria, de partilha de vivências e emoções e de alguma nostalgia. Para muitos alunos é o fim de uma etapa que durou 15 anos. Segue-se um novo desafio, uma nova etapa... a entrada no Ensino Superior.

1 de Junho, Dia da Criança

Um sorriso pode mudar uma pessoa em vários aspectos. Uma pessoa pode mudar a forma de vida de si mesma. Uma criança e um sorriso são dois complementos que se podem transformar num só: a Paz.

Paz, Alegria, Desejos, Futuro, foram alguns elementos comuns aos trabalhos realizados pelos alunos do Jardim-de-Infância. No dia 1 de Junho, Dia da Criança, dedicaram-se a ilustrar t-shirts e dessa forma a dar mais cor e uma alegria especial a este dia.



Feira do Livro Usado 2011

Realizou-se, entre 14 e 24 de Junho, uma Feira do Livro Usado 2011. Esta actividade contou com a participação de Professores, Encarregados de Educação e Funcionários do Colégio Valsassina.

Foi uma oportunidade para promover o gosto pela leitura, através da aquisição de livros a preços mais acessíveis; permitir a circulação e a partilha de livros que temos esquecidos nas estantes das nossas casas; partilhar o prazer da leitura de um livro com outros leitores que têm mais dificuldades de aceder aos livros.

Aconteceu no desporto...

Desporto Escolar. Bom conjunto de resultados Vice-Campeões Nacionais de Ténis

José Magalhães Coordenador do Desporto Escolar

Chegando ao fim de mais um ano lectivo verificamos com muito agrado a excelente actividade desportiva desenvolvida pelo nosso Colégio, não só pelo grande número de alunos em actividade nas várias modalidades que praticamos, como também pelas classificações obtidas nas competições em que interviémos no âmbito do Desporto Escolar.

De salientar também a actividade de Introdução aos Desportos Coletivos, Futsal, Basquetebol e Voleibol para alunos do 3º e 4º Anos, o que lhes permitirá um melhor conhecimento futuro destas modalidades.

Das várias competições em que o Colégio esteve envolvido destacam-se os seguintes resultados:

Actividades Gímnicas

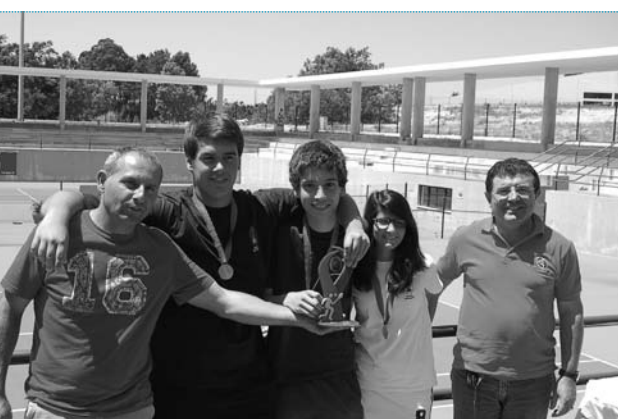
2º lugar na Fase Distrital – Ginástica de Grupo



Voleibol

Fase Local Lisboa – Campeonato
Distrital

Infantis B Masculinos – 1º lugar
Juvenis Masculinos – 1º lugar



Ténis

Fase Distrital

Infantis A Masculinos

2º lugar – Afonso Carvalho

3ª lugar – Vasco Gonçalves

Infantis B Masculinos

1º lugar – André Rodrigues

2º lugar – David Soares

3º lugar – Afonso Minderico

Femininos

1º lugar – Teresa Thomas

2ª lugar – Joana Estorninho

Iniciados Masculinos

1º lugar – António Graça

2º lugar – João Gonçalves

Juvenis Masculinos

1º lugar – José Pereira

2º lugar – Guilherme Carvalho

3º lugar – Filipe Moreira

Juvenis Femininos

1º lugar – Inês Estorninho

2º lugar – Maria da Graça

Campeonato Nacional

Juvenis Equipa Mista

2º lugar – Inês Estorninho, Guilherme Carvalho, José Pereira

Alunos do Clube de Karate do Colégio premiados

Os praticantes do Clube de Karate do Colégio participaram no passado dia 16 de Maio num Torneio de Karate entre os praticantes da Associação Shotokan Kartedo Portugal, no qual este Clube está filiado.

Este torneio realiza-se anualmente durante o mês de Maio e envolve cerca de 250 praticantes dos diversos Clubes filiados.

De entre as várias participações os alunos Martim Machado, Diogo Adegas e Afonso Neves, do 4ºAno, alcançaram o 2º lugar na categoria de Kata Equipa. De referir que estes alunos iniciaram a sua prática de Karate com 5 anos.

Vai acontecer **Julho**

Actividades de tempos livres (Valsassina em Julho)

Setembro

- Início do ano lectivo
- Comunicação da Pegada Carbónica 2010/2011

Outubro

- Acções de intervenção no âmbito do Projecto “Um aluno, uma árvore, um compromisso”

Novembro

- Valsamat
- Semana da Ciência e da Tecnologia

Dezembro

- Exposição de trabalhos realizados no 1º período
- Reuniões de pais
- Publicação da edição nº 48 da Gazeta Valsassina

Próxima edição da Gazeta Valsassina:

**Envie-nos as suas ideias e propostas para
geral@cvalsassina.pt**

A edição da Gazeta Valsassina envolve o uso de um recurso natural que vem das árvores, o consumo de energia para produzir o papel, imprimi-lo e transportá-lo, liberta gases com efeito de estufa responsáveis pelo aquecimento global. Caminhando para uma Low Carbon School compensámos as emissões que não conseguimos evitar através do apoio a um projecto que sequestra o dióxido de carbono pelas raízes das plantas e o guarda no solo. A Gazeta Valsassina é *carbonfree* – livre de emissões de carbono.



